

5. *Warburg continuatus* *Descrição de uma biblioteca**



Giorgio Pasquali teria razão ao escrever,¹ logo após a morte de Warburg (1929), que, para muitos, o nome de Warburg evocava mais uma biblioteca do que um homem? É verdade que Fritz Saxl, na primeira página das *Gesammelte Schriften*, publicadas em 1932, apresentava não apenas esses dois volumes (nos quais estava reunida toda a obra de Warburg já editada), mas prometia, além disso, a edição de quatro outros “grupos” de escritos (*Mnemosyne*; conferências e escritos menores inéditos; fragmentos sobre o *Ausdruckskunde auf anthropologischer Grundlage*; cartas, aforismos e notas autobiográficas), antes de concluir: “O catálogo da biblioteca será publicado como complemento e conclusão destes trabalhos. Com efeito, só juntando os escritos e a biblioteca é que podemos ter uma imagem unitária da obra de Warburg”.² Esse programa nunca foi inteiramente realizado; apenas uma ínfima parte dos inéditos de Warburg foi publicada. A reprodução fotolitológica das fichas da biblioteca do Instituto Warburg (segundo uma ordem ao mesmo tempo “topográfica” e “por assunto”), apresentada primeiro em 1961 e depois em 1966 com um suplemento em 1967-1971,³ reflete visivelmente uma situação em parte mudada: se as pesquisas e a obra de Warburg ainda constituem o núcleo, trata-se, já agora, de um núcleo cercado de muitas outras coisas. E. H. Gombrich relatou como os acontecimentos, as dificuldades e as escolhas o levaram a transformar lentamente o plano inicial – publicar os escritos inéditos de Warburg – para chegar a escrever uma *Biografia intelectual (Intellectual biography)* que incorporasse uma antologia de fragmentos.⁴ A tarefa de descrever

* Este texto foi publicado, em versão italiana, nos *Quaderni storici*, 58/a XX, n. 1, abril de 1985; uma versão resumida em francês foi publicada em *Préfaces*, n. 11, jan./fev. 1989. Apresentamos aqui a tradução integral do texto italiano, reatualizada e acrescida de um desenvolvimento inédito do professor Settis.

(senão de transcrever) sua biblioteca, no sentido enunciado por Saxl (“Com efeito, a biblioteca e os escritos constituem juntos a unidade da obra de Warburg”), só foi cumprida até hoje sob a forma de uma série de contribuições parciais.

R. Hoecker, “Eine kunstwissenschaftliche Studienbibliothek: die Bibliothek Prof. A. Warburg”, *Zentralblatt für die deutsche Kunst*, abril de 1917, p. 8-11, abre essa série. A contribuição mais rica vem ainda de Fritz Saxl, naturalmente: primeiro em “Das Nachleben der Antike. Zur Einführung in die Bibliothek Warburg”, *Hamburger Universitätszeitung*, II, 1920-1921, p. 244-247; depois “Die Bibliothek Warburg und ihr Ziel”, *Vorträge der Bibliothek Warburg*, I, 1921-1922, p. 1-10; e ainda “Die kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg in Hamburg”, *Forschungsinstitute. Ihre Geschichte, Organisation und Ziele*, Hamburgo, 1930, II, p. 355-358. *The History of Warburg's Library*, escrita por Saxl em 1943, foi publicada somente em 1970, em apêndice à *Biography* de Gombrich.⁵

Outras vezes se juntaram, entre as quais eu gostaria de lembrar as de P. Tillich, “Renaissance und Reformation. Zur Einführung in die Bibliothek Warburg”, *Theologische Blätter*, n. 12, 1922, p. 267-268; G. Stuhlfauth, “Aby Warburg und die Warburg-Bibliothek”, *Theologische Blätter*, n. 5, 1926, p. 54-63; J. Mesnil, “La Bibliothèque Warburg et ses publications”, *Gazette des Beaux-Arts*, V.s., XIV, 1926.

Depois da morte de Warburg, cada necrológio ou escrito referente a ele lembra, naturalmente, a biblioteca, e dá certas informações;⁶ entre outros, K. K. Eberlein, “Die Bibliothek Warburg. Das Lebenwerk eines Gelehrten”, *Berliner Tageblatt* de 1º de novembro de 1929.⁷

Após a mudança para Londres e a transformação do que se tornou hoje o Instituto Warburg, as contribuições mais importantes são as de G. Bing (“The Warburg Institute”, *The Library Association Record*, 1934, p. 1-6); E. Wind (“The Warburg Institute Classification Schema”, *The Library Association Record*, 1935, p. 193-195); A. F. Blunt (“A Method of Documentation for Humanities”, *Transactions of the International Federation for Documentation, XIVth Conference, Oxford-Londres, 1938*); J. B. Trapp (“The Warburg Institute”, in *Studi Medievali*, III s., II, 1961, p. 745-750).

Mais recentemente, além do livro de Gombrich, ver-se-ão: D. Wuttke, “Aby Warburg und seine Bibliothek”, *Arcadia*, I, 1966, p. 319-333; G. Syamken, “Die kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg”, Hoffmann-

Syamken-Wranke, *Die Menschenrechte des Auges. Über Aby Warburg*, Frankfurt, 1980, p. 42 e s.

O catálogo impresso já citado dá, evidentemente, a informação necessária sobre a estrutura da biblioteca; ver, além disso, o opúsculo explicativo do Instituto Warburg, periodicamente reeditado (a última edição data de 1978), e os *Annual Reports* do mesmo Instituto (cf. nota 55).

Em todos esses escritos, oscila-se entre uma indicação sumária dos campos privilegiados pela Biblioteca Warburg em seu espaço (p. ex. Jacques Mesnil), e uma descrição mais precisa da biblioteca, com o que a distingue de todas as outras: a “chave” segundo a qual os livros estão dispostos nas prateleiras, de acordo com o que Warburg chamava “a lei da boa vizinhança”.⁸ Quem quiser estudar a formação e a “chave” da biblioteca que Warburg concebeu com seus interesses intelectuais e seu “método” deverá recorrer a essas descrições, todas parciais, e separar as que nasceram “do interior” (como as de Saxl) de todas as outras: há de se encontrar aí a marca de uma história das reações dos frequentadores da biblioteca diante dessa “chave” e dessa “lei”. Mas precisará primeiro, graças aos arquivos do Instituto, refazer a história da própria formação dessa biblioteca: transportar-se, pela imaginação, de Londres a Hamburgo, nos anos em que Warburg dava forma a essa massa maleável de livros, instrumento mutável de trabalho. Deverá, enfim, seguir os livros de Warburg através da penosa mudança para a terra inglesa, nas sedes sucessivas do Instituto – e isso até hoje. Todavia, uma descrição dessa biblioteca (embora possa ser sentida como útil, ou urgente) não poderia substituir hoje – provavelmente, nunca substituirá – a experiência direta de quem *se serve dela*, percorrendo os títulos dos livros ao longo das estantes, seguindo, por uma acumulação de “boa vizinhança”, um itinerário mental que retraça a história de Aby Warburg e a própria forma de seu trabalho cotidiano nos últimos anos, e, de então até hoje, uma longa fidelidade.

Vale a pena lembrar, pelo menos, as reações de um dos visitantes da Biblioteca Warburg, as de Ernst Cassirer em 1920. A história foi contada por ele mesmo, por Saxl, que o acompanhou na biblioteca, e por sua mulher, Toni Cassirer, em suas memórias. Três pontos de vista que se integram bem um ao outro; começaremos pelo menos conhecido, o de Toni Cassirer:⁹

Mal tendo chegado a Hamburgo, Ernst soube da existência de Aby Warburg (...) justo no momento em que Warburg sofria gravemente dos nervos e não estava mais em condição de trabalhar regularmente. Quando Ernst foi visitá-lo, Warburg o impressionou

muito, mas lhe foi impossível visitar a biblioteca: Warburg não estava se sentindo capaz de guiá-lo pessoalmente, mas também não queria privar-se da alegria de fazê-lo. Pouco tempo depois, Warburg teve de se internar numa clínica para doenças nervosas. (...) Nessa época, Ernst estava trabalhando no primeiro volume de *Formas simbólicas*, e lhe tinham indicado que a Biblioteca Warburg continha o material de que ele precisava para seus estudos. Durante a ausência de Warburg, um jovem austríaco, Fritz Saxl, a estava dirigindo.

Lembro-me de que Ernst, depois de sua primeira visita à biblioteca, voltou para casa num estado de grande excitação (coisa raríssima nele), e me contou que essa biblioteca era algo absolutamente único e grandioso; que o doutor Saxl, que lhe mostrara, lhe parecera um homem realmente maravilhoso e original. Ernst acrescentou, entretanto, que, após a visita guiada através das longas filas de estantes, sentira a necessidade de lhe dizer: “Nunca voltarei aqui, porque, de outra forma, neste labirinto acabaria me perdendo”. (...) A descoberta da Biblioteca Warburg foi para Ernst como a descoberta de uma mina, onde podia achar um tesouro atrás do outro. Saxl estava feliz por ter encontrado alguém que logo havia compreendido o problema em torno do qual toda a biblioteca estava organizada.

E eis o testemunho de Saxl:¹⁰

Foi provavelmente em 1920 que encontrei Ernst Cassirer pela primeira vez. A Alemanha perdera a guerra, mas a esperança flutuava no ar. A derrocada do poder material produzira uma reação forte e positiva dos meios intelectuais, e um dos sintomas dessa reação fora a fundação, em Hamburgo (mais antimilitarista do que nunca), de uma nova Universidade (...) E a cátedra de Filosofia, para a qual fora escolhido Cassirer, tinha uma importância particular (...). Um dia, memorável nos anais do Instituto, Cassirer veio visitar a biblioteca que Warburg constituía em mais de trinta anos. (...) Eu o guiei: era um visitante afável que escutava com atenção enquanto eu lhe explicava as intenções de Warburg, o qual fazia questão de pôr os livros de filosofia ao lado dos de astrologia, de magia, de folclore, e de aproximar as seções sobre arte das sobre literatura, religião e filosofia. Para Warburg, o estudo da filosofia era inseparável do estudo da mentalidade dita primitiva: no estudo da linguagem figurada da religião, da literatura e da arte, nem um nem outro podia ficar isolado. Essas idéias tinham encontrado expressão numa disposição pouco ortodoxa dos livros nas estantes. Cassirer o compreendeu imediatamente. Assim, ao se despedir, ele me disse, com sua maneira clara e amável: “Esta biblioteca é perigosa. Terei de evitá-la completamente ou nela me encerrar durante anos. Os problemas filosóficos nela implícitos são vizinhos dos meus, mas o material histórico que Warburg reuniu é tal que ele me esmaga”. Eu estava desconcertado quando me deixou: numa hora, ele havia compreendido mais das idéias que regiam a biblioteca do que qualquer outra pessoa que eu tinha encontrado até então; e agora, por que parecia hesitar? Eu esperava que ele – mais que qualquer outro – pudesse me ajudar na difícil tarefa de continuar a fazer viver a biblioteca sem seu fundador. Provavelmente, o que ele tinha no pensamento não lhe permitia (ou *ainda* não lhe permitia) ser atraído para os perigosos meandros da criação de Warburg. Só mais tarde pude compreender que sua atitude não era ditada por estreiteza de espírito, e sim por uma reserva que ele se impunha. (...) Mais tarde, a situação mudou completamente: e desde então, durante dez

anos, nunca recorri a Cassirer em vão. (...) Quando torno a pensar nisso, parece milagroso que Warburg tenha reunido durante trinta anos justamente o material de que Cassirer precisava (...) Quando Cassirer entrou pela primeira vez na Biblioteca, a *Filosofia das formas simbólicas* estava precisamente tomando forma em seu espírito: eis por que, para ele, foi um choque ver que um homem, que ele mal conhecia, tinha explorado o mesmo domínio, não em seus escritos, mas numa biblioteca de uma ordem complexa, que um leitor atento e ponderado podia apreender espontaneamente. Por isso, Cassirer compreendeu logo que não tinha opção: ou ignorar essa biblioteca, ou submeter-se a suas regras.

Esse texto evoca uma lembrança de Cassirer, que se encontra entre os últimos escritos de Saxl (c. 1948, publicado em 1949); em sua *History of the Warburg Library* (1943, publicada em 1970), ele relata mais brevemente¹¹ que “quando o professor Cassirer veio, pela primeira vez, ver a biblioteca, decidiu que devia ou fugir (o que ele fez durante um certo tempo), ou ali ficar prisioneiro durante anos (o que ele por gosto fez mais longamente, nos anos seguintes)”. No entanto, o período durante o qual Cassirer evitou uma biblioteca por demais semelhante a seus próprios percursos mentais deve ter sido muito curto.

Por sua vez, num texto como *Der Begriff der symbolischen Form im Aufbau der Geisteswissenschaften*,¹² publicado no primeiro volume dos *Vorträge der Bibliothek Warburg*, imediatamente após uma conferência de Saxl sobre a biblioteca, Cassirer declara:

Concordo plenamente com tudo que foi dito na conferência precedente: esta biblioteca não é uma simples coleção de livros, e sim uma soma de problemas. E não foram os domínios abrangidos pela biblioteca que provocaram em mim essa impressão, mas foi o princípio organizador da biblioteca que me impressionou, princípio muito mais importante que a simples extensão dos domínios abarcados. Aqui, com efeito, a história da arte, a história da religião e do mito, a história da lingüística e da cultura estavam não só colocadas uma ao lado da outra, mas ligadas uma à outra, e todas ligadas a um centro ideal: a sobrevivência do antigo, um problema de natureza puramente histórica.

No prefácio ao segundo volume de *Formas simbólicas* (1924), Cassirer se refere mais abertamente à sua dívida para com Warburg (ou sua biblioteca) e para com Saxl:¹³

Não foi apenas uma documentação quase incomparável por sua riqueza e sua natureza que encontrei aqui, nos domínios da mitologia e da história geral das religiões; a organização e a classificação desse material, a marca espiritual que lhe dera Warburg, o relacionavam com um problema único e central, que estava muito próximo do problema que orientava meu trabalho. Essa convergência não cessou de me encorajar a avançar no

caminho assim traçado. (...) Fritz Saxl se mostrou, para o bom uso da Biblioteca Warburg, um guia experto e incansável.

Três anos mais tarde, a dedicatória a Warburg (por seu sexagésimo aniversário) de *Individuum und Kosmos in der Philosophie der Renaissance*, que era o décimo volume de *Studien der Bibliothek Warburg* (1927),¹⁴ desenha uma imagem luminosa da Biblioteca de Hamburgo recém-instalada em sua nova sede (ver abaixo): “Em sua construção e em sua estrutura espiritual, essa biblioteca personificou o pensamento da unidade e coesão metódica de todos os domínios e de todas as tendências da história do espírito”.

Mais pessoal e comovida é a evocação da Biblioteca Warburg no discurso que Cassirer pronunciou, em nome da Universidade de Hamburgo, por ocasião do funeral de Warburg (1929):¹⁵

A imagem desse homem se impôs a mim muito antes que o conhecesse. Eu poderia dizer que fiquei quase esmagado quando, há mais de oito anos, atravessei pela primeira vez – guiado por meu amigo Fritz Saxl – as salas cheias de livros da Biblioteca Warburg. Experimentei então como que um golpe, que provocou em mim uma profunda ressonância interior: nessas fileiras de livros que pareciam intermináveis, que enchiam toda a velha casa até em seus cantos mais afastados, não se manifestavam nem a paciência diligente do bibliófilo-colecionador, nem o trabalho assíduo do puro erudito. Essa cadeia ininterrupta de livros me parecia como que envolvida pelo sopro de um mágico, que pairava sobre ela como em virtude de uma lei prodigiosa. E, quanto mais eu penetrava no sentido oculto dessa biblioteca, tanto mais essa primeira impressão se reforçava, se confirmava. Da seqüência de livros emergia, de forma cada vez mais clara, uma série de imagens, temas e idéias originais, e, por trás de sua complexidade, eu acabara vendo se destacar a figura clara e dominante do homem que construía essa biblioteca, sua personalidade de pesquisador destinada a uma influência profunda.¹⁶

Nesses três textos de Cassirer, as diferenças de tom e conteúdo são evidentes (em particular, no que diz respeito à idéia do “problema central único”, princípio organizador de toda a Biblioteca Warburg). Todavia, esses três textos coincidem num ponto comum: sua primeira reação foi feita de reserva, de uma mistura de atração e de repulsa (de que dão testemunho Saxl e a senhora Cassirer). Uma análise mais demorada da relação entre Cassirer e Warburg (o homem e a biblioteca) está fora dos limites deste artigo. Mas a evocação da visita em casa de Warburg nos dá o pretexto para algumas perguntas. Como era construído esse “labirinto”, essa “prisão” onde era possível encerrar-se durante anos? Em que consistia a força desse “princípio”, o “sopro do mágico”, que ligava os livros uns aos outros nas estantes? Como explicar que o que Warburg chama, ironicamente, “a lei da boa vizinhança” possa se apresentar a Cassirer como uma norma coercitiva, reflexo imediato, pela

simples disposição dos livros nas estantes, da personalidade onipresente de um dono de casa doente e ausente?

Em 1879, com 13, Aby Warburg, primogênito de uma família de banqueiros de Hamburgo, propõe a seu irmão Max, um ano mais novo que ele, ceder-lhe todos os direitos de primogenitura; em troca, o caçula prometia “comprar-lhe todos os livros de que precisasse”. É com essa cena distante que se abre a história da Biblioteca Warburg.¹⁷ Com 20 anos (1886), Warburg começa a tomar notas regularmente sobre suas aquisições de livros;¹⁸ três anos mais tarde, obtém de seu pai fundos substanciais a fim de criar para si uma biblioteca de pesquisa.¹⁹ Seu interesse inicial é a história da arte; mas a convicção profunda, que se definirá mais tarde, já começa a tomar corpo: “A história da arte só poderá atrair o interesse dos pesquisadores e do grande público quando for capaz de mostrar que pode apreender a obra de arte numa dimensão mais vasta que a considerada até aqui”.²⁰ A biblioteca universitária de Estrasburgo (onde Warburg estudou de 1889 a 1891) “consistia, nessa época”, segundo a indicação de Saxl,²¹

num certo número de compartimentos (*cells*) que abrigavam bibliotecas especializadas, onde o estudante circulava livremente. Warburg, em seu desejo ardente de decifrar o mistério das imagens, deslocava-se de uma sala para outra, seguindo suas marcas, da arte à religião, da religião à literatura, da literatura à filosofia. Oferecer ao estudante uma biblioteca que unisse os diversos ramos da história da civilização humana, e onde se pudesse errar livremente de uma estante a outra: essa foi sua decisão.

A Biblioteca de Strasbourg – que, depois da anexação à Alemanha em 1870, fora radicalmente reorganizada segundo o modelo de Tübingen²² – foi pois, para Warburg, um modelo (pela liberdade de circulação de um setor para outro), mas um modelo a ser ultrapassado, pois, para ele, era preciso inserir cada setor num percurso unificador, que recusava toda classificação disciplinar rígida. Essa tendência, como veremos, acabou se revelando na estrutura física da biblioteca, onde “o passeio de compartimento em compartimento”, como em Estrasburgo, é substituído por um “passeio de estante em estante”.

Desde então, e ainda mais nos primeiros anos do século seguinte, as discussões sobre a organização das bibliotecas (referentes à disposição dos livros nas estantes e à relação entre essa disposição e um catálogo “sistemático” e/ou por matérias) foram, nos países de língua alemã, tensas e animadas. Uma síntese, ainda mais interessante porque tomando partido, é a de G. Leyh

(1877-1968), que, durante longos anos (1921-1947), foi o muito influente bibliotecário de Tübingen, adversário irredutível de qualquer ordenamento “sistemático” das bibliotecas.²³ Segundo ele, a organização dos livros nas bibliotecas européias, a partir do século XVI, desenvolveu-se de acordo com dois modelos divergentes: as pequenas bibliotecas, em particular as reunidas por humanistas, professores ou eclesiásticos isolados, se caracterizavam, desde o início, por uma disposição (com formas diversas, conforme o caso) que obedecia a um *sistema*. Isto é, uma repartição ordenada dos campos do saber, ora baseada na enumeração das diferentes disciplinas, ora, ao contrário, colocando-as numa estrutura hierárquica (por exemplo, do geral ao particular), referindo-se, de modo mais ou menos declarado, a outras tantas teorias sobre o sistema de conhecimentos. Em compensação, as grandes bibliotecas – sempre segundo Leyh – seguiram inicialmente um método mais simples, dominado por preocupações práticas: uma divisão dos livros por conjuntos, agrupados conforme o formato e a ordem de entrada. A partir de meados do século XVII, o ordenamento sistemático começa a surgir nas grandes bibliotecas, e se espalha particularmente no norte da Alemanha, para atingir, em Göttingen (a partir de 1737), sua forma mais evoluída: citemos, nesse nível, a biblioteca do conde de Bünau (que contou J. J. Winckelmann entre seus bibliotecários), a de Dresden, a de Wolfenbüttel (segundo um projeto, na origem, de G. E. Lessing). O ordenamento sistemático das bibliotecas alemãs, influenciado especialmente por Göttingen, se difunde rapidamente em todo lugar, até sua adoção pela Biblioteca Real de Berlim (nova sistematização: 1842-1881), que faz dele o ponto de referência obrigatório em toda a área prussiana. É nessas mesmas décadas que – embora com variantes locais – esse ordenamento sistemático chega a Tübingen e em seguida a Estrasburgo; em 1893, K. Dziatzko podia considerar o ordenamento sistemático como absolutamente típico das bibliotecas alemãs.²⁴ Mas, em 1919, quando o problema do reordenamento e das novas normas de catalogação da Biblioteca de Estado Prussiana de Berlim veio à ordem do dia, a “apresentação sistemática” foi posta em acusação: segundo a fórmula muitas vezes repetida por Leyh, a enorme dificuldade de construir um sistema durável, e de fazer entrar nele todo e qualquer livro, acarreta necessariamente consequências catastróficas (“*katastrophale Wirkung*”).²⁵

Não é possível determinar em que medida essa discussão (aqui apenas evocada) pôde influir na estrutura que a Biblioteca Warburg assumiu em suas diferentes fases, e em particular em seu período de formação, sem um conhecimento aprofundado (que eu não possuo) da história das bibliotecas

alemãs dos séculos XIX e XX.²⁶ Mas é nesse pano de fundo que poderemos medir, tanto as sugestões que Warburg pode ter tirado, para sua própria sistematização (que, como se pode pensar, tomou diferentes formas sucessivas), de bibliotecas preexistentes (como Estrasburgo), quanto a *novidade* de sua apresentação totalmente pessoal, a ponto de parecer “desconcertante” a quem ali entra pela primeira vez.²⁷ Mas é evidente que o ordenamento de Warburg não reproduz pura e simplesmente o da Biblioteca de Estrasburgo. Com efeito, em Estrasburgo a “apresentação (*Aufstellung*) sistemática” previa uma subdivisão em 18 seções, na seguinte ordem:

1. Generalidades. Ciências bibliográficas
2. Filosofia
3. Pedagogia
4. Arte
5. Lingüística geral
6. Filologia oriental
7. Filologia clássica
8. Filologia moderna
9. Filologia das línguas eslavas
10. História e Geografia
11. Teologia
12. Direito
13. Ciências políticas
14. Ciências naturais
15. Medicina
16. Incunáveis
17. Manuscritos
18. Alsácia-Lorena

Cada uma dessas seções estava, por sua vez, subdividida em grupos menores, segundo uma ordem sistemática, de tal modo que o catálogo sistemático podia ser ao mesmo tempo topográfico e temático.²⁸ Embora esta última característica se aplique também à Biblioteca Warburg, veremos que, quanto ao resto, seu ordenamento não tem nada em comum com o de Estrasburgo.

Em 1904, Warburg já estava cômico da importância de sua própria biblioteca, a tal ponto que tomou providências para que, se viesse a morrer, os livros fossem entregues ao Instituto Alemão de Florença ou à biblioteca

da cidade de Hamburgo.²⁹ Em 1911, quando Saxl entrou pela primeira vez na casa da Heilwigstrasse, 114, comprada por Warburg dois anos antes, o número de livros se aproximava dos 15 mil.

Sua disposição nas estantes era desconcertante: quem ali entrasse acharia pelo menos estranho que Warburg se cansasse deslocando-os sem cessar. Cada progresso em seu sistema de pensamento, cada nova idéia sobre a inter-relação dos fatos o impelia a mudar a posição dos livros correspondentes. (...) Era uma pequena biblioteca, mas que vivia intensamente, sempre remodelada de modo a exprimir as idéias de Warburg sobre a história do homem. Durante essas décadas (...), a tendência era arrumar os livros da maneira mais “prática”: a normalização, a classificação segundo um sistema alfabético e numérico eram preferidas (...). Para Warburg, o livro que se estava procurando não era necessariamente aquele de que se precisava; pois o livro “vizinho” na estante podia conter informações essenciais para a pesquisa, mesmo que isso não fosse evidente pelo título. (...) Para ele, os livros eram muito mais que simples instrumentos de pesquisa. Reunidos, arrumados em ordem e tornados acessíveis ao leitor, eles exprimiam o pensamento humano em seus aspectos constantes e mutáveis.³⁰

Mesmo o fichário de Warburg era organizado segundo princípios semelhantes, e “muitas vezes o viam, ansioso e cansado, debruçado sobre seu fichário, com um maço de fichas na mão, enquanto tentava encontrar para cada uma o melhor lugar em seu sistema”.³¹

Essa imagem de Warburg eternamente ocupado em remodelar seu próprio sistema de disposição (*Aufstellung*) lembra de perto a idéia de Johann Gottlob Horn (1719), segundo o qual o bibliotecário está sujeito a um “trabalho de Penélope”, que o obriga a mudar o lugar dos livros conforme as mudanças do “sistema”,³² o que, para G. Leyh, constitui o primeiro protesto contra toda forma de organização sistemática das bibliotecas. Mas é justamente a opção por esse “trabalho de Penélope”, uma disposição sistemática (“*systematische Aufstellung*”) em evolução contínua, que situa a Biblioteca Warburg, para retomar a versão tendenciosa de Leyh, do lado das bibliotecas “particulares”, opostas às bibliotecas “públicas”, por causa da utilização de “sistemas” instáveis porque subjetivos e não controlados por instituições de Estado. No entanto, a biblioteca de Warburg se instala numa linha de evolução à qual Leyh dá pouca atenção, e que, em compensação, foi particularmente estudada e valorizada por pesquisadores de língua inglesa.

Segundo a distinção oportunamente proposta, com muito sucesso, por E. Edwards, em 1859, os sistemas de classificação dos livros (válidos para sua arrumação nas estantes) podem ser: “I. mais ou menos dependentes de sistemas metafísicos, ou explicando-os”; ou então: “II. aplicando-se, mais ou

menos especificamente, à arrumação prática dos livros”.³³ Sem tomar ao pé da letra a palavra “Metaphysics”, é o primeiro caso que aqui nos interessa. Como foi muitas vezes observado (recorrendo largamente a Edwards), *todo* sistema de classificação de livros reflete – de modo mais ou menos declarado – um sistema, seja ele qual for, de ordenamento do conhecimento.³⁴ Os sistemas de classificação (num sentido estritamente bibliográfico) são, pois, apenas um aspecto do problema da sistemática das ciências: mas um aspecto particularmente central e interessante, porque, traduzindo-se pela organização *física* dos espaços de uma biblioteca e pela disposição dos livros, toda proposta de organizar os conhecimentos humanos em sistema (segundo modelos lineares ou hierárquicos) pode exercer uma influência incalculável sobre os usuários dessa biblioteca (e, às vezes, por períodos de tempo consideráveis). Uma análise precisa dos sistemas de classificação em uso até o início de nosso século mostraria provavelmente que H. E. Bliss está certo em colocar o sistema medieval das artes liberais na raiz da árvore extremamente ramificada em que tantos sistemas (até os sistemas decimais hoje tão difundidos) floresceram depois.³⁵ É desse “sistema” antigo e onipresente que deriva abertamente a *Bibliotheca universalis* de Konrad Gessner (1548),³⁶ assim como todos os outros sistemas até o *Advancement of learning* de Bacon (1605), que imprimiu uma nova marca a esse problema, com uma virada decisiva que introduzia uma repartição baseada em três “fontes” do conhecimento humano, e as “emanações” respectivas, segundo o esquema bem conhecido:

<i>Fontes</i>	<i>Emanações</i>	
I. Memória	História	1. Natural <ul style="list-style-type: none"> a) Gerações b) Antigas gerações
		2. Civil <ul style="list-style-type: none"> a) Eclesiástica b) Literária c) Civil propriamente dita
II. Imaginação	Poesia	1. Narrativa
		2. Dramática
		3. Alegórica
III. Razão	Filosofia	1. Ciência de Deus
		2. Ciência da natureza

- a) Especulativa
- b) Prática
 - 1. Mecânica
 - 2. Mágica
- c) Matemática
 - 1. Pura
 - 2. Aplicada
- 3. Ciência do homem
 - a) Humana
 - 1. Corpo
 - Medicina
 - Cosmética
 - Atlética
 - Voluptuária
 - 2. Alma
 - Psicologia
 - Moral
 - b) Civil
 - 1. Arte da conversação
 - 2. Arte da negociação
 - 3. Política

Esse sistema (que o *Advis pour dresser une bibliothèque* de Naudé transplanta para a terra francesa em 1627, e que D’Alembert reelabora em 1767) é objeto, periodicamente, de experimentações diversas, que nos levam, em 1810, a Brunet, cuja influência é considerável, e enfim, através da elaboração de Horne para o Queen’s College de Cambridge (1824), ao British Museum. Quanto ao sistema elaborado em 1870 por W. T. Harris para a Biblioteca pública de St. Louis, Missouri, do qual a muito judiciosa classificação decimal de Dewey (proposta sob sua primeira forma em 1876) é um desenvolvimento, ele também deriva diretamente de Bacon, mas invertendo o esquema. Ele se apresenta da seguinte maneira:

HARRIS

I. Ciência

DEWEY

Filosofia	100. Filosofia
Religião	200. Religião
Ciências sociais e políticas	300. Ciências sociais
	400. Filologia
Ciências naturais e técnicas	500. Ciência pura
	600. Técnicas, ciência aplicada
II. Arte:	
Belas-Artes	700. Belas-Artes
Poesia, Obras narrativas	800. Literatura, Belas-lettras
Literatura, Diversos	
III. História	
Geografia, Viagens	900. História, Biografia ³⁷
História civil	
Biografia	

Enfim, a *Expansive classification*, sistema elaborado em 1891 por Ch. A. Cutter, que influenciou profundamente o sistema da Biblioteca do Congresso,³⁸ é também, de certa forma, derivada do esquema de Bacon, porém mais indiretamente, e um pouco modificada por Brunet e pelas observações e propostas de F. Edwards.³⁹ Em relação à classificação de Edwards, a de Cutter apresentava características especialmente interessantes, em particular: a) uma vasta *expansiveness*, no sentido de que assuntos não previstos pelo esquema em sua forma inicial podem nele encontrar lugar, introduzindo-se novas categorias ou subcategorias logicamente coordenadas com as do esquema de origem; b) uma grande atenção (exercendo-se precisamente graças à expansibilidade do sistema) dedicada à *transição* de um grupo de livros a outro, transição apresentada como “lógica” e gradual, visando constituir seqüências não segmentadas, interligadas e flexíveis.

Não pretendo, num domínio muito distante de minhas competências, que essas amostras de informação largamente imperfeitas possam fornecer coordenadas precisas para o “trabalho de Penélope” efetuado por Warburg para constituir sua biblioteca. Gostaria mais de contribuir para fixar alguns pontos, numa forma preliminar:

1. Nos anos em que Warburg forma sua própria biblioteca, o problema da disposição dos livros é objeto de discussões e experiências tão intermináveis

quanto opostas. Sobre a disposição sistemática pesa uma longa tradição, que se traduz em classificações múltiplas e diferentes. Essa disposição é, por um lado, duramente combatida e atacada na Alemanha (pelo menos em aparência), enquanto, nos mesmos anos, nascem, nos países de língua inglesa, ensaios de disposição mais complexos e ambiciosos, procedentes da mesma tradição (em particular, Harris e Dewey; Cutter e Biblioteca do Congresso).

2. Pelo fato da nítida dicotomia entre as tradições “alemã” e franco-anglo-americana (duas correntes que, como atestam os manuais, fizeram tudo para se ignorar mutuamente), é difícil medir o alcance real das forças em jogo sem uma longa pesquisa especializada.

3. A julgar pelos resultados conhecidos, o método adotado por Warburg para a classificação de sua biblioteca não segue a tendência que, conforme a análise de Leyh, parece dominante na Alemanha nos anos 1900-1920, e mesmo depois. Com certeza, isso se deve, em grande parte, ao caráter inicialmente particular dessa biblioteca; mas, sem dúvida, a transformação progressiva em centro de pesquisa aberto ao público (cf. abaixo) levantou de novo, com urgência, o problema do ordenamento dos livros. Esse ordenamento não podia ser reduzido a uma classificação corrente sem perder a marca (e a mensagem) de seu fundador: mas, na medida em que conservava a disposição inicial, ele se colocava além da tendência dominante ou contra ela.

4. Embora os manuais distingam freqüentemente (segundo Edwards, em 1859) sistemas de classificação “utilitários” e “filosóficos”, é difícil imaginar um “sistema” que não se apóie numa certa dose de “filosofia” que lhe é própria. Os ordenamentos mais ou menos hierárquicos distinguem implicitamente categorias e subcategorias; mas a simples disposição seqüencial remete também a relações referenciais entre diferentes ramos do saber, que não são nem evidentes, nem aceitos por todos, e ainda menos imutáveis no tempo. É pois evidente que a topografia geral da Biblioteca Warburg, em suas diferentes fases, é um problema histórico digno de atenção, pois remete à organização (ou a diferentes formas de organização) do trabalho que ali se efetua.

Em 1913, a Biblioteca Warburg ainda era a de um pesquisador particular, mas Saxl e W. Printz já estavam trabalhando ao lado de Warburg. Por ocasião de uma conversa que teve com Saxl em Florença, Warburg resolveu

transformar a biblioteca numa instituição semipública, que ofereceria bolsas de estudo. Mas a guerra interrompeu seu projeto. Em 1920, quando se cogitou retomá-lo, Warburg teve de ser hospitalizado em Kreuzlingen, na clínica de Binswanger. A biblioteca foi confiada aos cuidados de Saxl.

Quanto mais durava sua ausência, tanto mais ficava evidente que não bastava conservar a biblioteca, mais era preciso fazê-la evoluir de uma criação pessoal para uma instituição pública. No entanto, era claro que muita coisa ia se perder assim: em cada canto da casa se encontravam pequenos grupos de livros que ilustravam uma tendência particular do pensamento; havia ali uma extrema riqueza de idéias, que atraía o pesquisador e, ao mesmo tempo, tornava bem difícil sua orientação.⁴⁰

É a essa situação, descoberta por Cassirer na época de sua primeira visita, que parece fazer alusão ao texto mais antigo publicado por Saxl sobre a Biblioteca Warburg (*Das Nachleben der Antike. Zur Einführung die Bibliothek Warburg*, editado na revista da jovem Universidade, *Hamburger Universitäts-Zeitung*, II, 1920/21, p. 224-247), texto que nunca mais foi reeditado.

O problema da influência da Antigüidade grega e romana sobre as épocas que se seguiram é sempre vivo e importante para todos os que, a partir de Winckelmann, pensam historicamente. As últimas gerações foram influenciadas de modo decisivo por J. Burckhardt. Entretanto, continua Saxl, não podemos mais nos contentar em pensar a Renascença como Burckhardt: precisamos também pesquisar a sobrevivência do antigo em outras partes, na era carolíngia ou na Idade Média. Mas devemos nos perguntar até onde se estende essa influência do antigo, em que consiste verdadeiramente sua essência. (...) A escultura sassânida e a arte da Renascença sofrem ambas uma influência muito forte do antigo; mas só sua especificidade pode tornar compreensível sua relação com o antigo. Colher o que muda com referência às constantes já constituiria um fruto dessa maneira de apresentar o problema. Outro fruto é a possibilidade de traçar a estratigrafia geográfica das correntes, das influências culturais. Através dessa estratigrafia, percebe-se melhor a força extraordinária com que sobreviveram os estratos que parecem, talvez, os mais profundos da vida espiritual dos gregos, e, de modo especial, a magia. (...) Todavia, é impossível dar uma idéia geral de questões tão complexas, mas, provavelmente, já se pode apreender a extensão desse problema, sem com isso encontrar um guia nesse labirinto. (...) Aqui, no entanto, a Biblioteca Warburg pode nos socorrer. (...) A história da religião e a história da arte são os dois setores principais dessa biblioteca. No setor histórico-religioso – que se estende de Babilônia até a Reforma –, o núcleo é constituído pelas pesquisas relativas aos fenômenos da religião antiga, cuja sobrevivência já foi atestada. (...) É natural, depois de Burckhardt, que a Renascença seja o centro do setor histórico-artístico.

Assim, a metáfora do labirinto e a insistência na “sobrevivência do antigo” como problema capital (*Hauptproblem*) de Warburg e de sua biblioteca aproximam este texto das primeiras reações de Cassirer.

Num artigo publicado um pouco mais tarde (artigo que Cassirer evocava na conferência citada acima, p. 112),⁴¹ Saxl retoma só em parte o fio de seu discurso: “Warburg não é um sucessor de Burckhardt, e sim um continuador: sua influência cruza a de outros pensadores, que a modificam, particularmente Nietzsche. (...) Hermann Usener é o terceiro grande erudito que o influenciou”.⁴² Assim, os termos do problema são colocados por meio de alguns exemplos de sobrevivência das iconografias antigas na arte medieval; enfim, Saxl retoma o artigo ainda inédito de Warburg sobre Schifanoia.⁴³

Mas o verdadeiro objeto da pesquisa de Warburg era “a significação da Antigüidade para os homens da primeira Renascença”, ficando entendido que lhe restava também explorar toda a parte mais importante da questão,

a essência dessa influência sobre Dante, Shakespeare e Goethe; sobre a escultura de Gandhara e a escultura sassânida. (...) Warburg não podia resolver esses problemas sozinho; ele não se contentou em reunir em sua biblioteca o material necessário para este trabalho: é evidente que o arrumou também segundo uma ordem precisa. Trata-se aí de uma biblioteca de perguntas, e seu caráter específico consiste justamente no fato de que sua classificação obriga a entrar nos problemas. No cume (*an der Spitze*) da biblioteca, se encontra a seção de Filosofia da História (...), depois, os setores de História da Filosofia, da Religião e da Arte, de História Geral, Literária e Econômica, que se referem à sobrevivência do antigo.

Problemática Religiosa	História das Ciências Naturais e da Medicina	Problemática Filosófica
História Geral da Religião		História Geral da Filosofia
História das Religiões Antigas	História da Cultura Árabe	História da Filosofia Antiga
Religiões da Antigüidade Tardia		Filosofia Antiga Tardia e Medieval

Após esta descrição muito geral, Saxl ilustra a estrutura da biblioteca descrevendo uma das estantes, cujo plano reproduz:

A classificação, à esquerda, do setor “Religião” e, à direita, a de “Filosofia” são semelhantes: primeiro, os problemas, depois, uma história geral, e enfim uma história específica da Antigüidade, e em particular da Antigüidade

tardia (e para a Filosofia, chega-se até a Idade Média). É somente para o setor religioso que Saxl explica a importância concedida à seção *Antigüidade tardia*: “Porque foram essencialmente as religiões antigas tardias que sobreviveram até os nossos dias.” Segue a descrição da seção do meio:

Entre a história da religião e a história da filosofia está situada a história das ciências naturais, como um elo (*Bindeglied*) que as liga. Na medida em que foram os árabes que transmitiram ao Ocidente os saberes adquiridos da filosofia e da medicina da Antigüidade, a seção da cultura árabe está imediatamente justaposta a elas; enfim, a história da filosofia medieval é uma síntese de Oriente e Ocidente. (...) A classificação de Warburg é tão clara que um guia seria inteiramente inútil.

Das numerosas perguntas suscitadas pela topografia dessa estante guardaremos, pelo menos, as três seguintes: se a “sobrevivência do antigo” é o problema central da biblioteca, qual é a significação, em relação a ele, da seqüência Religião-Ciência-Filosofia? Em que sentido (ou em que sistema) a ciência é “o elo” que liga religião e filosofia? Enfim, em que perspectiva deve ser lida a seqüência da biblioteca em seu todo? Dirigindo-se a um público fisicamente presente na biblioteca, Saxl não oferece elementos para responder a essas perguntas, exceto, parcialmente, para a última: o lugar da seção de Filosofia da História no cume da biblioteca sugere um percurso *que deve culminar* nessa seção, mesmo que a finalidade de todo esse percurso não seja conduzir a essa única seção. Tanto para confirmar esse ponto, quanto para encontrar respostas para as duas outras perguntas, precisamos procurar em outro lugar.

Os dois escritos de Saxl que citei até aqui tinham o objetivo de fazer conhecer a biblioteca e de abri-la aos estudiosos como centro de pesquisa. Mas,

para fazer da biblioteca uma instituição estável, era preciso “normalizar” a organização de Warburg tal como ela se apresentava em 1920, alargando-a ou fazendo cortes aqui e ali. (...) Foi necessário imaginar um novo sistema de classificação, para guiar o estudante entre os livros e as idéias que não lhe eram familiares. Pareceu-nos perigoso proceder de maneira muito rígida, e, em colaboração com a nova assistente, G. Bing, escolhemos uma forma flexível, mas (...) que mantivesse a idéia de Warburg: os livros eram um conjunto de pensamento vivo.⁴⁴

É Saxl que, durante a permanência de Warburg em Kreuzlingen, toma contato com alguns professores da recém-fundada universidade de Hamburgo: entre eles se encontravam Cassirer, Panofsky, K. Reinhardt. É ainda ele quem dirige as primeiras publicações (*Vorträge e Studien der Bibliothek Warburg*), e se aplica a encontrar uma nova sede para a biblioteca, que já não cabe mais

na casa de Warburg. Mas é o próprio Warburg que, ao retornar em 1924, toma a decisão final: a casa será ampliada com a construção de um novo edifício, concebido desde a origem como uma biblioteca, e aberto como tal em 1926.

Os livros estavam repartidos em quatro andares. No primeiro andar, encontravam-se as obras que tratavam dos problemas gerais da expressão e da natureza dos símbolos. Daí, passava-se à antropologia e à religião, e da religião à filosofia e à história das ciências. O segundo andar continha livros sobre a expressão na arte, sua teoria e sua história. O terceiro era dedicado à língua e à literatura, e o quarto, às formas sociais da vida humana (História, Direito, Folclore etc.).⁴⁵

IV. Formas sociais da vida humana:	História Direito Folclore etc.
III. Língua e Literatura	
II. Expressão na arte:	Teoria História
I. Expressão:	Problemas gerais Natureza dos símbolos Antropologia Religião Filosofia História das ciências

O esquema vai, portanto (se o lermos segundo a sucessão dos andares do edifício), de baixo para cima:

A primeira impressão – esta descrição não coincide com a que o próprio Saxl propõe em 1920-1921 – é fundada apenas em aparência: é que essa primeira descrição não era propriamente um percurso seguido, mas, antes, uma indicação “por blocos” de alguns setores da biblioteca, assim como a designação de um “cume” (*Spitze*). Aliás, na casa de Heilwigstrasse, antes da construção do novo prédio, a disposição de “pequenos grupos de livros em cada canto da casa, indicando uma tendência específica do pensamento”,⁴⁶ tornava provavelmente difícil uma descrição que fosse exatamente seqüencial. Era por isso que, nesse novo lugar, “entre os que viam os livros nas estantes”, poucos eram os que “reconheciam que se tratava da mesma coleção que tinham

conhecido no edifício antigo. Muito do que antes parecia isolado e bizarro encontrava-se agora no seu lugar”.⁴⁷ A transferência para o novo edifício marca, ao contrário – e precisamente em seu projeto arquitetônico – a opção de fazer coincidir pontualmente *seqüência mental* no ordenamento dos livros (ou do saber) e *percurso físico* através dos quatro andares da biblioteca e ao longo de cada um deles, na ordem mais evidente: de baixo para cima. Todavia, em dois pontos que ele apenas menciona em 1920-1921 – a disposição da filosofia da história “no cume”, e, numa posição adjacente (embora em outra ordem), a religião, a filosofia e a ciência –, a sucessão física dos livros no novo lugar, tal como Saxl a apresenta, é compatível com a ordem mental mais antiga. De qualquer maneira, o arranjo da biblioteca em sua nova sede reflete a soma do longo trabalho de Warburg antes de Kreuzlingen, e as “normalizações” introduzidas por Saxl e Bing durante sua ausência, mas certamente com a aprovação de Warburg *redux*.⁴⁸

Os anos que se seguem, até a morte de Warburg em 1929, vêem nascer (G. Bing a evocou)⁴⁹ uma *concordia discors* entre Warburg e Saxl, já esboçada a propósito da nova construção: Saxl queria confiá-la a Le Corbusier ou a Gropius.⁵⁰ O terceiro artigo de Saxl sobre a biblioteca⁵¹ data de 1930, e, também ele destina como objetivo desse Instituto de Pesquisa (*Forschungsinstitut*) o estudo de *um* problema, o da sobrevivência do antigo, mas propondo outro ponto de vista. A pesquisa se faz, é certo, nesse contexto, mas “com a visão mais completa possível, de modo que desse conhecimento se possam tirar conclusões de valor geral sobre a função da memória coletiva da humanidade. De que natureza devem ser as formas modeladas pela Antigüidade para que sobrevivam? Por que certas épocas vêem uma “renascença” da Antigüidade, enquanto outras, tendo a mesma tradição, não fazem dela seu próprio patrimônio vivo?”.⁵² A sobrevivência do antigo torna-se, pois, o campo de experimentação *através do qual* é possível estudar o jogo das constantes/variáveis na “memória social”. Mais adiante, citando exemplos de setores particularmente desenvolvidos da biblioteca, Saxl indica a história da educação na Idade Média (e, em relação com esta, a história da mitologia na Idade Média, ou, por exemplo, da fortuna literária medieval das *Metamorfoses* de Ovídio), o “elemento figurativo”, e a astrologia “como material para o estudo da modificação dos roteiros míticos antigos”, graças aos quais “a história das imagens vai além de seu conteúdo artístico, até se tornar uma fonte para a história da religião e da ciência”.⁵³ A “sobrevivência do antigo”, problema

essencial da Biblioteca Warburg nos textos citados acima, permanece como o princípio seminal, mas o objetivo que tende a tornar-se prioritário é a extensão da pesquisa a uma investigação sobre os mecanismos da memória social.

Concluindo sua *Biografia intelectual* de Warburg, Gombrich escrevia que

a concepção original de uma *Kulturwissenschaft* unitária (...), que Warburg sempre esperara tornar explícita numa publicação importante, encontrou sua expressão mais viva e convincente na própria arrumação da biblioteca – o que nenhuma formulação teórica poderia ter feito melhor. Sem dúvida, seria possível modificar a disposição dos livros a fim de seguir os novos problemas e projetos de pesquisa: entretanto, esse sistema de reagrupamento continua sendo fecundo numa época em que a especialização vai crescendo, e em que a indústria acadêmica está praticamente automatizada. Seja qual for a razão que o tenha impellido para o interior da biblioteca, o leitor perceberá muito bem, deslocando-se ao longo das prateleiras, que a psicologia permanece uma ciência de primeira importância para o estudo da expressão e do simbolismo; e que esses últimos, por sua vez, podem conduzir ao estudo do rito na antropologia. A partir daí, o leitor encontrará outra passagem natural para os livros sobre as festas, as paradas, o teatro, e mesmo a história do direito e os problemas da história política e social. Cada seção da biblioteca reflete ainda a convicção original de Warburg, segundo a qual as respostas que o homem primitivo exprime na linguagem e na imagem podem conduzir ao que ele chamava de “orientação” na religião, na ciência, na filosofia, ou degradar-se em prática mágica ou em superstição; o historiador da literatura e da arte deve refletir sobre a natureza dessas respostas.⁵⁴

Como em numerosos textos que citamos, acentuam-se aqui dois pontos estreitamente ligados: *em primeiro lugar*, a Biblioteca Warburg reflete substancialmente o trabalho de seu fundador: ela foi concebida como um itinerário mental (*itinerarium mentis*) destinado a conduzir o leitor ao longo de vias determinadas (as perguntas de Warburg), que não desembocam forçosamente em saídas, elas próprias predeterminadas; *em segundo lugar*, o “itinerário” é concebido de maneira que a passagem de um setor para outro seja percebida como “natural”. Pode-se acrescentar, à guisa de comentário, que é justamente este “natural” (a correspondência entre percurso mental – entre os problemas – e percurso físico – entre os livros) que transforma o “labirinto” numa “prisão”. Essa prisão cativa a atenção do leitor, obrigando-o ora a se deter num nó (de problemas, de livros) que ele não esperava de modo algum encontrar, ora a seguir um fio (uma estante) que lhe parecia marginal, mas “pode conter a

informação vital para sua pesquisa”. Mesmo hoje, a riqueza e a mensagem desta biblioteca residem no cruzamento das perguntas que o leitor fazia ao entrar nela com as que, sem as ter resolvido, Warburg canalizou num encadeamento de livros fisicamente perceptível.

Mas, entre a nova sede de Hamburgo e a de hoje (desde a transferência para Londres em 1933),⁵⁵ houve uma série de deslocamentos da biblioteca. Por ocasião de cada mudança, foi preciso apresentar de novo o problema da arrumação dos livros: a cada vez tinha de ser adaptada (e se pode imaginar com que dificuldade) ao mesmo tempo à instalação warburguiana em sua última formulação e às exigências da arquitetura da nova sede. Chega-se, assim, ao edifício atual, cuja arquitetura foi pensada em função da biblioteca, onde a repartição se faz, como em Hamburgo, em quatro andares.⁵⁶ As transferências sucessivas da biblioteca são as seguintes:

1. HAMBURGO, Heilwigstrasse 114: casa de Warburg, abril 1909/maio 1926.
2. HAMBURGO, “nova sede” (ao lado da casa), maio 1926/dezembro 1933.
3. LONDRES, Thames House, Millbank, maio 1934/julho 1937.
4. LONDRES, Imperial Institute Buildings, South Kensington (julho 1937)-janeiro 1939-outubro 1939. (Durante algum tempo, a biblioteca ficou encaixotada, em grande parte inutilizável; ela ficou dispersa em diferentes lugares fora de Londres, durante a crise de Munique, e voltou a Londres em novembro de 1938; durante a guerra, os livros foram reencaixotados e conservados provisoriamente em lugares diferentes; em 28 de novembro de 1944, o Instituto Warburg foi incorporado à Universidade de Londres.)
5. LONDRES, Imperial Institute Building, South Kensington, verão 1945/fevereiro 1958.
6. LONDRES, Woburn Square, desde fevereiro de 1958.

De fato, as fontes publicadas sugerem, pelo menos quanto à disposição geral da biblioteca, uma história mais simples, que se pode reduzir a três “estados” sucessivos:

I (= 1, 2 no esquema precedente): HAMBURGO, onde a segunda classificação é apresentada como uma “normalização” da primeira.

II (= 3, 4, 5): LONDRES, nas diferentes sedes provisórias.

III (= 6): LONDRES, em sua sede definitiva.

Tudo isso é corroborado pela retomada tal qual da descrição minuciosa da biblioteca, feita por G. Bing e publicada em 1934⁵⁷ (quando o Instituto se instala em Thames House), em *Op.* 1937 ca 1 (que corresponde a uma fase de transição para a sede de South Kensington), e ainda em *Op.* 1949 2, quando o Instituto foi levado de volta para essa sede, uma vez fechado o parêntese da guerra. O esquema geral de referência está assim caracterizado:

a) pela “normalização” (1920-1924) da disposição de Warburg, que leva à construção da nova sede, onde a arquitetura é função da *Aufstellung* dos livros nos quatro andares;

b) por uma fase de transição em sedes provisórias, onde, no entanto, se fez o maior esforço para reproduzir, para o público inglês, a topografia concebida em Hamburgo e ilustrada no edifício de Heilwigstrasse, construído com esse fim;

c) pela organização da nova sede londrina, também ela construída com esse fim em quatro andares.

A hipótese de continuidade sobre a qual se funda essa reconstrução é autorizada pelo fato de que todas as mudanças sucessivas foram seguidas por Saxl e por G. Bing,⁵⁸ cuja intenção declarada era propor, através da Biblioteca, a imagem de um Warburg *continuatus*. É por isso que o texto de G. Bing de 1934 pode servir para se percorrer de novo a seqüência dos livros, não somente em Thames House, mas provavelmente também – reportando-se ao passado – em Hamburgo:

Primeira Seção: Religião, Ciências Naturais e Filosofia.

- I. Antropologia e Religião comparada.
 - II. As grandes religiões históricas, mostrando o desenvolvimento que conduz do paganismo oriental ao paganismo clássico e, partindo daí, desde o fim do paganismo até o cristianismo.
 - III. História da magia e da cosmologia, ilustrando o desenvolvimento da Alquimia à Química, do saber tradicional do feiticeiro à ciência da medicina, e da astrologia à astronomia.
 - IV. História das idéias filosóficas: duas questões particulares foram distinguidas: uma história do platonismo de Platão ao neoplatonismo e sua “ressurreição” no pensamento da Renascença, e uma história da filosofia de Aristóteles, seus comentários e traduções.
-

Segunda Seção: Língua e Literatura.

- I. História da literatura grega e romana.
- II. Sobrevivência dos poetas clássicos.
- III. Sobrevivência dos assuntos clássicos (deuses, lendas, mitos, fábulas, emblemas e provérbios etc.).
- IV. História do saber clássico: *a)* literatura latina da Idade Média e da Renascença; *b)* história da educação, das escolas e das universidades, das coleções de manuscritos e dos livros, da literatura de viagem, enciclopédias etc.
- V. História das literaturas nacionais modernas.

Terceira Seção: Belas-Artes.

- I. Fontes literárias.
- II. Iconografia.
- III. Arte primitiva e arte oriental; período pré-helênico.
- IV. Arqueologia clássica, com uma seção especial sobre a arte das províncias romanas.
- V. Arte cristã antiga e arte medieval, com uma seção especial sobre os manuscritos com iluminuras.
- VI. Arte da Renascença na Europa, com uma seção especial sobre as artes aplicadas, a imprensa e os livros ilustrados.
- VII. História das coleções de arte, preservação dos monumentos clássicos.

Quarta Seção: Vida Social e Política.

- I. Métodos de história e sociologia.
- II. História das instituições sociais e políticas na Europa do Norte e do Sul (das cidades-estados gregas, passando do Império Romano ao Santo Império Romano na Idade Média, até as cidades-estado da Renascença italiana, aos reinos da França, da Espanha e da Inglaterra etc.).
- III. Folclore: História das festas (sobretudo na Renascença); o teatro e a música.
- IV. Formas de administração social: teoria jurídica e política.

Uma vez que, em Thames House, a biblioteca estava organizada num só andar, as quatro "seções" da primeira subdivisão, para ficarem conformes ao plano de Hamburgo, são traduzidas mentalmente em quatro níveis, segundo

uma seqüência de baixo (I) para cima (IV), como no esquema da página 125. Antes de considerar este ponto, observar-se-á que a seqüência Religião-Filosofia-Ciência, descrita por Saxl em 1920-1921 (acima, p. 123), se encontra explicada aqui: a ciência pode ser o "elo" ligando religião e filosofia, se for concebida como uma "história da magia e da cosmologia, que ilustra a evolução da alquimia para a química, do conhecimento do feiticeiro para a ciência médica, da astrologia para a astronomia". As mesmas obscuras manifestações da natureza, de onde nascem diferentes formas de religião, estimulam tentativas de conhecimento e de controle através da magia, da astrologia ou da alquimia. É precisamente daí que parte o lento desenvolvimento em direção à ciência: entre astrologia e astronomia, por exemplo, há uma *continuidade*, que somente mais tarde termina e se inverte em oposição ciência/não-ciência. Nesse sentido, a reflexão do homem sobre ele próprio e sobre o mundo, no mesmo momento em que faz penosamente emergir a química do casulo da alquimia, a ciência do casulo da magia, produz idéias filosóficas, que são como o destilado e o ponto de ancoragem desse processo. Quando Gombrich escreve que, segundo "a convicção inicial de Warburg, as respostas do homem primitivo na língua e na imagem podem conduzir ao que ele chamava de 'orientação' na religião, na ciência, na filosofia, ou então *degenerar na magia e na superstição*",³⁹ ele parece, pois, inverter a intenção de Warburg, para quem magia e superstição não são as formas "degradadas" de alguma "orientação" (ou saber), e sim, ao contrário, as etapas iniciais de um processo cognitivo que leva à ciência e à filosofia. O trajeto ao longo dos livros colocados nessa ordem equivale, assim, a percorrer de novo os graus sucessivos desse processo e das formas conexas de pensamento.

Se confrontarmos esse esquema de 1934 com o que Saxl descreve para a nova sede de Hamburgo em 1926, veremos aparecer uma única variação importante na instalação:

1934 Londres	1926 Hamburgo
IV. Vida política e social.	Formas sociais da vida humana.
III. Artes figurativas.	Língua e literatura.
II. Língua e literatura.	Expressão na arte.
I. Antropologia, Religião, Magia/Ciência, Filosofia.	Expressão: Problemas gerais, Natureza dos símbolos, Antropologia, Religião, Filosofia, História da Ciência.

A inversão das seções sobre a arte e a literatura, que também se manterá em South Kensington, é uma variação de acento significativa, mas não radical; como veremos, a seqüência inicial será restabelecida em 1958. O desaparecimento da palavra-chave “expressão” (que naturalmente vai ser restituída mentalmente em *Ausdruck*) pode talvez se explicar como a opção de G. Bing por uma terminologia mais descritiva.

A passagem do estado II (South Kensington) ao estado III (Woburn Square) em 1958 apresenta-se como um “retorno às origens” em relação ao projeto em quatro andares da nova sede londrina. Em sua primeira edição (1961), estabelecida a partir de uma transcrição das fichas realizada em 1952 pela Michigan State University, o *Catálogo* (G. C. Hall & Co., Boston, Mass.) reflete essa transição. De fato, na Introdução, o ordenamento descrito por G. Bing, em 1934, é proposto de novo tal qual (sendo retomado provavelmente de *Op.* 1949); acrescenta-se, em seguida, que “desde 1952, a biblioteca foi ligeiramente rearrumada como segue”;⁶⁰ depois, vem um ordenamento um pouco diferente, que daí em diante corresponde à nova sede, e se reencontrará tal qual na edição seguinte de *Op.* (1960³). Na *Historical note* do *Catálogo*, aparece pela primeira vez – para caracterizar a estrutura da biblioteca segundo as intenções de Warburg – uma terminologia que, presume-se, já era usada em Hamburgo (como demonstra a utilização do alemão para as palavras-chave).

A biblioteca devia conduzir à imagem visual (*Bild*), como primeira etapa da consciência do homem, à linguagem (*Wort*) e, daí, à religião, à ciência e à filosofia, que são todas produtos da pesquisa do homem em busca de orientação (*Orientierung*) – a própria razão de ser da história –, busca que influencia seus modelos de comportamento e suas ações. A ação, o cumprimento dos ritos (*drömena*) é ultrapassado, por sua vez, pela reflexão, que reconduz à formulação lingüística e à cristalização dos símbolos-imagens: assim o ciclo é completado. Warburg chegara a ver nas civilizações mediterrâneas a matriz das imagens persistentes que dirigem e obsedam o espírito ocidental. Elas vivem em nossas civilizações da mesma forma que as imagens da memória vivem no espírito individual, e por essa razão é que Warburg havia colocado a palavra MNEMOSYNE, memória, na entrada de sua biblioteca.

Esse texto, não assinado, será retomado também na *Historical note*, premissa para a segunda e muito mais ampla edição do *Catálogo* de G. Hall & Co. O caráter “cíclico” do sistema (que não aparecia nas descrições mais antigas da biblioteca) explica por que, no texto de J. B. Trapp (então bibliotecário e agora diretor do Instituto), as quatro seções são apresentadas numa ordem invertida: “*drömenon* (ação, cumprimento dos ritos), que trata dos

modelos do comportamento do homem – folclore, antropologia, festas, música, teatro e, finalmente, teoria política – e de suas ações, a razão de ser da história antiga e moderna”, e depois, sucessivamente, *Orientierung*, *Wort* e *Bild*.⁶¹

O texto da *Historical note* e aquele, semelhante, de Trapp explicam o esquema que será incluído no *Annual Report* 1957-1958 (p. 6). Esse primeiro relatório da nova sede de Woburn Square será retomado, com poucas diferenças, em *Op.* 1960³ e nas edições sucessivas das *Op.*, assim como no quadro geral que o leitor encontra hoje, na sala de consultas, ao lado do catálogo. Aqui (como no *Annual Report* 1957-1958), a terminologia de origem é substituída pelos termos correspondentes ingleses:⁶²

IV. História	Formas sociais	AÇÃO	[Hamburgou] [Drömenon]
III. Religião comparativa greco-romana e cristã	Religiões orientais antigas e modernas	Magia e Filosofia Ciência	ORIENTAÇÃO [Orientierung]
II. Literaturas clássicas e modernas	Humanismo, sobrevivência da literatura clássica, livros e manuscritos, educação	PALAVRA	[Wort]
I. Arte pré-clássica e arte oriental Arte minóica, grega e romana	Arte européia pós-clássica	IMAGEM	[Bild]

(A seta indica a ordem de leitura, de baixo para cima.)

O esquema permaneceu fundamentalmente idêntico de 1958 aos nossos dias, mas com algumas modificações: *Formas sociais* (IV andar), que era *Modelos sociais* no *Annual report* 1957/1958, tornou-se *História Social* a partir de *Op.* 1971³ e em *Qua*; paralelamente, *História* tornou-se *História Política*. Além disso, *Magia e Ciência* (III andar) – que ainda está em *Qua*, e parece corresponder à ordem “crescente” posta em evidência por Bing em 1934 da magia à ciência, mas também ao caráter de elo ligando esse setor à Religião e à Filosofia, sublinhado por Saxl em 1920/1921 – torna-se *História da Ciência* em *Op.* 1974⁶. Em relação aos estados precedentes da biblioteca (ver os esquemas das páginas 139 e 143-144), pode-se pôr em evidência uma

o lugar psíquico em que se situa a Biblioteca Warburg na história da cultura e no interior do mundo da pesquisa. A biblioteca representa, no manual de auto-educação do gênero humano que ainda não foi escrito, um capítulo que se poderia intitular: “Da orientação (*Orientierung*) do homem (em direção a si mesmo e ao cosmo), fundada no mito e no medo, à orientação fundada na ciência e no raciocínio”. É por isso que as duas direções de pesquisa propostas pela biblioteca estão destinadas a pôr em evidência sua originalidade metodológica:

1. Porque este é um capítulo ilustrativo, isto é, este movimento pendular entre concepção mítica e concepção científica será seguido de maneira sistemática e histórica durante cerca de três mil anos, tal como se reflete na representação artística, do fetiche ao drama.

2. Porque esta oscilação pendular da psique é compreendida, de um ponto de vista geográfico, como um fenômeno próprio à Bacia Mediterrânea, porquanto discute os valores expressivos considerados na língua, na imagem, no drama, a partir de suas referências, centrais ou periféricas, a esses campos de força criativos que chamamos Babilônia, Atenas, Alexandria, Jerusalém, Roma, e permite assim abarcar com o olhar o processo formador da mentalidade européia.⁶⁴

Nota final (1995)

Depois da publicação de meu artigo nos *Quaderni Storici* de 1985, surgiu, nestes últimos dez anos, uma quantidade extraordinária de estudos sobre Warburg⁶⁵ e alguns inéditos.⁶⁶

É preciso assinalar também a formação de um comitê para a edição dos inéditos de A. Warburg (incluindo M. Warnke, N. Mann, H. Bredekamp, M. Diers, K. Forster e S. Settis), e a aquisição, pela cidade de Hamburgo, do edifício da Biblioteca Warburg: ele foi restaurado segundo os planos de origem, e depois inaugurado em 20 de abril de 1995 e entregue ao Seminário de História da Arte dessa universidade e à Fundação Warburg.

É evidente que a abundância dos novos dados e o tempo decorrido tornariam necessária, não uma atualização, mas uma reescritura do texto anterior. Todavia, eu me limitarei aqui a alguns esclarecimentos, utilizando certos textos que figuram nos livros citados acima e num estudo consagrado à biblioteca, aproveitando novos documentos e novas informações.⁶⁷ Além disso, assinalo que, num artigo recente, E. H. Gombrich modificou uma passagem de sua *Intellectual biography*, citada e comentada acima (p. 127 e 131), na qual escrevia: “Cada seção da biblioteca reflete ainda a convicção original de Warburg, segundo a qual as respostas que o homem primitivo exprime na linguagem e na imagem podem conduzir ao que ele chamava ‘orientação’ na religião, na ciência ou na filosofia, ou *degradar-se* (o grifo é meu) em práticas mágicas ou em superstição”. No novo texto,⁶⁸ ele diz, ao contrário:

Peço-lhes que notem a justaposição de magia e ciência, que, várias vezes, perturbou nossos visitantes. Na subdivisão por assuntos que caracteriza a biblioteca, a astrologia é compreendida como raiz da astronomia, a alquimia como origem da química, e o misticismo dos números como uma primeira fase da matemática.

Os estudos sobre a biblioteca se orientaram em duas direções (ambas presentes no livro de Stockhausen citado acima): por um lado, a história da construção, a forma e a significação do edifício, em particular da sala oval, e, por outro, a sistematização dos livros. A história da construção do edifício foi esclarecida graças aos documentos conclusivos de Stockhausen (p. 36-74): deles resulta claramente que os arquitetos Felix Ascher e Fritz Schumacher foram encarregados sucessivamente do projeto: foi o aluno e colaborador deste último, Gerhard Langmaack, que assumiu o acabamento do trabalho, e foi na base de seus planos que o edifício foi construído e, muito recentemente, restaurado. Apoiando-se nesses documentos, Stockhausen rejeita como errônea a informação dada por G. Bing,⁶⁹ segundo a qual Saxl teria preferido confiar o projeto a um arquiteto “da envergadura de Le Corbusier ou de Gropius”. Pessoalmente, não vejo por que G. Bing teria inventado toda essa informação: mesmo que nunca tenha havido contatos com Le Corbusier ou Gropius (não há vestígio disso nos documentos), é bem possível que Saxl tenha tido essa preferência nas fases iniciais da discussão do projeto; por diversas razões (que podem ir de uma escolha de Warburg e/ou de seus irmãos a considerações de tempo e custo), a realidade foi diferente. Ninguém melhor que G. Bing podia conhecer a história de tal escolha, ditada mais pelo gosto que por um plano concreto, sobre o qual, aliás, Saxl não teria tido autoridade para decidir.⁷⁰

Em seu artigo publicado no livro *Porträt aus Büchern*, H. Hipp⁷¹ analisa a linguagem das formas que a fachada da biblioteca comporta: interpreta suas “pilastras” como, talvez, “sutis citações da iconografia do ‘banco’” (p. 58); e as letras K B W – que figuram na fachada – como “a marca da firma” (p. 51). A idéia da biblioteca como “mais um ramo do banco da família Warburg” já tinha sido proposta por C. H. Landauer;⁷² ela é retomada por Stockhausen num capítulo de seu livro (*Laboratorium – Sakralraum – Bank?* p. 108-112), no qual ele a põe em relação, por um lado, com a descrição das tecnologias avançadas usadas no edifício, e, por outro, com o alto nível de produtividade da biblioteca, “organizada como um instituto de pesquisa eficaz, que, por seu mecanismo, lembra totalmente a organização de um banco” (p. 112). Quanto ao espaço sagrado (*Sakralraum*), Stockhausen cita, como paralelo, uma casa de Hamburgo (*Eimsbüttel*), que comporta, no andar térreo, um local destinado

a servir de sinagoga: Warburg teria assim, ao construir uma sala oval, afirmado sua própria função específica de “um sacerdote no próprio corpo da biblioteca”; e sua qualidade de sábio operando em particular teria representado, para a família Warburg, um papel equivalente ao de um rabino (p. 109 e s.).

Devo confessar que acho essas interpretações tendenciosas e pouco satisfatórias: o que delas resulta é mais que evidente (Warburg era judeu, pertencia a uma família de banqueiros), e os paralelos que são citados me parecem vagos e inconsistentes. Julgo, ao contrário, que a sala oval (certamente o elemento mais notável do edifício) se explica na base de sua forma, de suas funções e das tradições que a ela se ligam. Ela servia de sala de leitura, assim como para as aulas e as conferências. Como sala de leitura, um precedente muito claro é a sala oval da antiga Biblioteca de Wolfenbüttel (1705-1713), primeiro edifício na Europa moderna expressamente construído para abrigar uma biblioteca:⁷³ seu arquiteto foi Hermann Korb, e, na época da construção, seu bibliotecário era Leibniz; ao que parece, é a ele que se deve a idéia do plano elíptico da *Rotonde* e de suas decorações com significado cosmológico (afrescos de Giacomo Perinetti mostrando os signos zodiacais e as divindades planetárias, e, coroando o edifício, um grande globo celeste, visível do exterior no cume do telhado).

Leibniz parece também ter inspirado a sala oval da Hofbibliothek de Viena, construída pelo arquiteto J. B. Fischer von Erlach poucos anos após Wolfenbüttel,⁷⁴ e, alguns anos mais tarde, a sala também oval do mosteiro dos agostinianos em Klosterneuburg (1736-1737).⁷⁵ Infelizmente, a Biblioteca de Wolfenbüttel foi destruída em 1887 para ser substituída por outro edifício, mas sua sala oval é, sem dúvida alguma, o modelo de numerosas salas, ora ovais (como as de Viena e de Klosterneuburg), ora circulares, como a Radcliffe Câmara de Oxford (1847), as salas de leitura do British Museum (1857) e da Biblioteca do Congresso (1897), ou ainda a *Kuppelsaal* da Königlische Bibliothek de Berlim (1914).⁷⁶ Por outro lado, a significação provavelmente cosmológica da elipse na Biblioteca Warburg (de que Warburg falou com Cassirer que o visitava em Kreuzlingen, como resulta de um testemunho de Fritz Schumacher, confirmado por Edgar Wind),⁷⁷ corresponderia muito bem à decoração (globo celeste e afrescos) da Biblioteca de Wolfenbüttel. Não sei se Gertrud Bing, que havia escrito, em 1921, sua tese de doutorado sobre as relações entre Leibniz e outro bibliotecário de Wolfenbüttel, Lessing, tinha ou não consciência dessa ligação.⁷⁸

Quanto a sua outra função, como sala reservada para as aulas, seu modelo evidente me parece ser o *Professorenhaus*, em voga em Göttingen no início do século XIX, que incluía um *Auditorium* destinado às conferências, que os professores faziam, normalmente, em suas casas, justamente porque ainda não havia salas públicas.⁷⁹ Essas duas referências (Wolfenbüttel e Göttingen) explicam, a meu ver, por sua proximidade geográfica e cultural, o que diz respeito à função da sala; a conversa de Warburg com Cassirer em Kreuzlingen (atestada, como dissemos, por Schumacher e Wind) dá as indicações necessárias para compreender quais as razões da opção pelo plano elíptico.

O segundo objeto dos estudos sobre a Biblioteca Warburg, a disposição dos livros e sua relação com o trabalho de Warburg e de seus colaboradores, mais tarde sucessores (em particular Saxl e Bing), só foi abordado, depois de meu artigo, por Stockhausen, em seu livro citado acima (p. 75-90: *Ordnen des Wissens*). Minha tese, baseada nas afirmações repetidas de Saxl e Bing, em particular no prefácio do volume I dos *Gesammelte Schriften* (ver especialmente a passagem citada acima, p. 108), era a seguinte: 1. A disposição da Biblioteca no edifício do 116 Heilwigstrasse deve ser entendida como resultado de um longo processo, encetado durante a permanência de Warburg em Kreuzlingen, que marca a transformação da biblioteca particular em instituto de pesquisa aberto a todos; nessa transformação, houve um esforço consciente de sistematização, visando construir um “sistema” que refletisse o pensamento de Warburg; 2. Nesse processo, Saxl e Gertrud Bing agiram não apenas como colaboradores, mas como intérpretes de Warburg, numa contínua interação (e sabemos agora que esse trabalho cotidiano está consignado nos *Tagebücher* da biblioteca, sobre os quais Karen Michels está trabalhando atualmente, e que foram utilizados por Stockhausen). 3. Após a morte de Warburg (1929), o processo de sistematização e classificação, começado em sua ausência e prosseguido após seu retorno, continuou, estendendo-se mesmo depois da transferência da biblioteca para Londres, seguindo linhas que – pelo menos até a morte de Gertrud Bing (1964) – eram as mesmas que haviam sido discutidas ativamente com o próprio Warburg.

Embora os novos documentos revelados por Stockhausen tenham modificado nossos conhecimentos de modo significativo (ver abaixo), nenhum desses pontos foi invalidado; seria preciso, ao contrário, pesquisar mais detalhadamente como essa interação funcionou. F. Saxl e G. Bing, como se sabe, podiam sugerir a Warburg que acrescentasse ou modificasse uma imagem

dada em *Mnemosyne*, também podiam sugerir esta ou aquela arrumação dos livros, e sabemos que Warburg estava particularmente aberto, tanto para *Mnemosyne* quanto para a biblioteca, às sugestões de G. Bing. Esta, aliás, tinha começado, antes que ele voltasse de Kreuzlingen, o trabalho de arrumação dos livros de Warburg: em sua função de “diretora adjunta” da biblioteca (desde 1927), ela devia, evidentemente, desempenhar um papel significativo. O caso mais conhecido, a partir dos textos publicados, é a maneira pela qual Warburg acabou encontrando o título de *Mnemosyne*,⁸⁰ depois de a senhora Bing ter comentado e criticado diversas propostas preliminares; é por isso que, numa das versões propostas, junto ao nome da senhora Bing figurava uma espécie de dedicatória (“Atlas com cerca de 2 mil gravuras / Legendas de Gertrud Bing / cuja santa curiosidade / me levou a escrever”⁸¹). Esse processo de revisão, classificação e arrumação da biblioteca continuou, creio, após a morte de Warburg, e isso até a nova arrumação de Woburn Square, em Londres, sempre centralizado na idéia de uma “interpretação autêntica” de Warburg. Disso, G. Bing – com Saxl – era a protagonista: por esse motivo, o título de meu artigo de 1985 era “Warburg *continuatus*”.

Segundo minha apresentação, tal “sistematização” do pensamento e do método de Warburg através da *exposição* de seus livros, particularmente na medida em que “somente juntos a biblioteca e os escritos de Warburg realizam a unidade de seu trabalho”, é evidente na divisão em quatro andares e na utilização das palavras-chave *Orientierung-Bild-Wort-Drômenon*: toda modificação intervinda na ordem das “seções” (dos andares) é vista como uma interpretação e uma apresentação diferentes dos próprios pensamento e método. Toda nova interpretação e apresentação introduzida durante sua vida deve, acredito, ter sido aprovada formalmente por Warburg; se, ao contrário, ela foi operada depois de sua morte, deve ter sido concebida como “fiel”, “interpretação autêntica”, e continuamente reafirmada. Vale a pena, pois, assinalar as diferenças na ordem das seções e interrogar-se sobre sua significação. Stockhausen, ao contrário, está convencido de que a sucessão das seções (e, por conseguinte, a significação das palavras-chave que a elas se referem) não tem grande importância, e que a exposição dos livros foi ditada por considerações práticas (isto é, para dar um nome a cada um dos quatro andares, uma vez fixada essa forma do edifício), e modificada mais de uma vez sem razões particulares.

Esse depósito de quatro andares impele verossimilmente Warburg a uma divisão profunda de seu ordenamento. A arquitetura se desenvolve a partir da necessidade de fazer

entrar mais de 100 mil volumes numa capacidade limitada pelas regras de urbanismo. Esse depósito de quatro andares é também resultado de considerações puramente econômicas, que comportaram em seguida a escolha de uma exposição, de acordo com a idéia de ordenamento de Warburg. Os depósitos não resultam de uma idéia, como a sala de leitura, e sim dos imperativos da utilidade. (p. 82)

Seus argumentos nesse sentido são os seguintes:

1. No momento da transferência para a nova sede (1926), o plano de arrumação dos livros ainda não estava claro; além disso, depois da mudança dos livros – realizada em poucos dias – continuou-se durante muito tempo a deslocar de um lugar para outro seções inteiras da biblioteca (p. 81; cf. também p. 88 e s.).

2. O esquema de ordenamento de acordo com as quatro seções mencionadas acima não está atestado nos documentos antes da transferência dos livros para a nova sede (p. 82).

3. O esquema de ordenamento não era fixo, mas foi modificado, como se vê no confronto entre um documento do ano da transferência e outro mais recente (p. 82 e s.).

4. Em sua história da biblioteca (escrita em Londres por volta de 1943, e publicada em apêndice à *Intellectual biography* de Gombrich, ver acima, p. 109), F. Saxl fala claramente de uma sucessão das seções (com os andares correspondentes) como segue: I. *Orientierung*; II. *Bild*; III. *Wort*; IV. *Handlung* (= *Drômenon*). Segundo Stockhausen, essa afirmação de Saxl é imprecisa e errônea, pois ela não corresponde a um documento que remonta ao momento da transferência (transcrito nas p. 183-187), nem a outra descrição dada pelo próprio Saxl num texto escrito em 1931 e publicado em 1932:⁸² todos dois davam a sucessão seguinte: I. *Bild*; II. *Orientierung*; III. *Wort*; IV. *Handlung* (= *Drômenon*). Essa é a única seqüência correta; a que Saxl dá em sua história da biblioteca “não se sustenta” (p. 84-87).

5. Essa seqüência é confirmada por um documento inédito (do qual tornarei a falar mais adiante), intitulado *Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg. Gühriss der Bücheraufstellung und Bildersammlung* (citado e comentado por Stockhausen na p. 87 e transcrito nas p. 192-201).

Depois do livro de Stockhausen e dos novos documentos que produziu, toda a história da *exposição* da Biblioteca Warburg tem de ser repensada. A propósito de meu artigo de 1985, ele tem indubitavelmente razão em alguns pontos:

1. Eu tinha citado o testemunho de Saxl sobre o ordenamento da Biblioteca de Hamburgo, contido em sua história da Biblioteca Warburg, mas não o texto de 1931 (citado *in extenso* na nota 83).

2. Não conhecendo os *Tagebücher* da biblioteca, eu tinha entendido que o “sistema” de exposição havia sido preparado *antes* da transferência para a nova sede em 1926, e que tinha ficado sem alteração de 1926 a 1933. É evidente que o sistema foi elaborado *durante* a transferência, e que foi instável e sujeito a mudanças *também* durante os sete anos da curta vida hamburguesa da instituição.

Todavia, não concordo com suas outras afirmações, em particular:

1. Que o texto de Saxl sobre a história da biblioteca, com sua descrição da seqüência que coloca a *Orientierung* em primeiro lugar, não deve ser levado a sério. Para começar, Saxl não é uma testemunha qualquer, nem seu texto um texto qualquer, mas o único que ele escreveu em Londres, com o objetivo de contar a história da biblioteca. Além disso, em Londres, quando a biblioteca foi sistematizada provisoriamente em 1934, embora, por razões práticas, todos os livros tenham tido de ficar no mesmo andar, a subdivisão em quatro seções foi respeitada e, como se vê nos testemunhos claros de G. Bing assinalados acima (p. 129-130), a *Orientierung* sempre figurou no início da seqüência. Devemos pois, pelo menos, nos perguntar aqui – dadas as circunstâncias da transferência e da reinstalação em Londres – se o primeiro ordenamento londrino, o de 1934, não reflete o estado mais recente da biblioteca em Hamburgo.

2. Se eu errei, sem dúvida, ao tomar em consideração só um dos dois textos de Saxl sobre a seqüência das seções em Heilwigstrasse, penso que Stockhausen – que conhece e cita ambos os textos – está errado em considerar só um como válido, liquidando o outro como um erro de Saxl. Creio que o verdadeiro problema é precisamente explicar a discordância entre os dois textos, levando-os ambos a sério.

3. Stockhausen pensa que a subdivisão em quatro seções, correspondendo aos quatro andares, tem pouca significação; e os paralelos que ele estabelece com a forma arquitetônica do edifício (biblioteca como sinagoga, biblioteca como banco) estão de pleno acordo com a opinião que exprime. Para mim, como disse acima, a forma arquitetônica se explica muito bem historicamente, sem recorrer às sinagogas nem aos bancos; e a instabilidade da *exposição* (*Aufstellung*) e suas modificações não provam que o sistema de classificação não era importante, mas, ao contrário, que o era, e que se estava numa busca

contínua do “melhor” sistema; é justamente por isso que se deslocavam as seções, que se modificavam as seqüências.

Nesse contexto, o *Grundriss der Bücheraufstellung und Bildersammlung*, citado por Stockhausen, desempenha um papel importante. Esse documento (segundo Stockhausen, conservado num só exemplar) lhe havia sido assinalado por Karen Michels, que o tinha visto em Princeton em casa de Irving Lavin. Tinha chegado a Lavin por intermédio de Wolfgang von Stechow, cujo trabalho na Biblioteca Warburg nos anos hamburgueses se conhece. Conforme o que diz Stockhausen na p. 87, esse documento dá a seqüência na ordem seguinte: I. *Bild*; II. *Orientierung*; III. *Wort*; IV. *Handlung* (= *Drômenon*) – e isso parece confirmado pela transcrição do próprio documento nas p. 192-201. No entanto, na mesma p. 87, Stockhausen observa: “Fato surpreendente: está claramente mencionado num parágrafo de introdução: a Biblioteca se divide em quatro seções: 1. *Handlung*, 2. *Wort*, 3. *Bild*, 4. *Orientierung*”.

Trata-se, evidentemente, de uma seqüência de cima para baixo, que corresponde precisamente à que Saxl cita em seu texto de 1940 sobre a história da biblioteca, e que eu tinha considerado como “a” seqüência hamburguesa de 1926 a 1933. Stockhausen, apesar de se declarar estupefato diante dessa frase, não dá nenhuma explicação, e deduz dela, sem mais – e de novo –, que as quatro categorias da classificação “não representavam nenhuma hierarquia válida” (p. 87).

Quando se lê essa página de Stockhausen, fica imediatamente claro que, no *Grundriss* (outrora nos papéis de M. Stechow), ele repete a mesma contradição assinalada por nós entre os dois textos de Saxl citados acima, mas, evidentemente, de uma maneira mais grave e problemática: nesse caso, de fato, a contradição reside entre dois textos do mesmo autor, mas de anos diferentes; no *Grundriss*, entre duas partes do mesmo documento. Procurei, pois, compreender melhor; e, visto que Stockhausen, em sua transcrição do *Grundriss*, não transcreve a introdução, que entretanto cita, aproveitei uma breve passagem por Princeton para olhar diretamente o documento. Examinei-o longamente com Irving e Marilyn Lavin (aos quais agradeço pela gentileza e pelo tempo que me dedicaram) e pude obter uma cópia: a importância desse documento, que se manifestou durante essa discussão, levou mais tarde Irving Lavin a doá-lo à nova Warburg Stiftung, cuja sede está na Biblioteca Warburg, agora reaberta na Heilwigstrasse, onde, portanto, se encontra hoje o original. Em seguida, ainda discuti o *Grundriss* por ocasião de um seminário no Getty Center for the History of Art and the Humanities (Santa Monica, Califórnia) e –

muito mais rapidamente – na conferência de abertura da Biblioteca Warburg em Hamburgo, em 21 de abril de 1995.

Apesar de todos os seus méritos pelo exame e publicação de tantos documentos, no que toca ao *Grundriss*, de que falaremos agora, Stockhausen, infelizmente, falhou na exatidão. Não só ele omite as duas primeiras páginas do documento, como altera significativamente a ordem das páginas e, afinal de contas – qualquer que tenha sido sua intenção –, oferece dele uma imagem e uma interpretação que levam ao erro. Devo agora dar conta do documento com algumas observações de ordem, como direi, “codicológica”, para permitir uma apreciação correta do mesmo. Trata-se de 21 páginas datilografadas e mimeografadas, das quais

- a primeira contém o título (indicado acima),
- as p. 2 e 3 (a segunda das quais está marcada “2”) contém um texto de introdução sem título (a introdução citada por Stockhausen),
- a p. 4 contém um ilhó com a menção *Büchersammlung* (“coleção dos livros”),
- as p. 5 a 15 contém uma descrição da seqüência dos andares (ver abaixo),
- a p. 16 contém um ilhó com a menção *Bildersammlung* (“coleção de imagens”),
- as p. 17 a 21 contém uma descrição da *Bildersammlung*.

Trata-se, pois, de um documento em três partes: 1. Introdução; 2. *Büchersammlung*; 3. *Bildersammlung*. Só a primeira parte comporta uma numeração das páginas. A primeira seção é omitida por Stockhausen em sua transcrição, mas ela é importante: de fato, ela é constituída essencialmente por uma longa citação de Warburg, da qual Saxl, num texto publicado em 1930 sobre a biblioteca, ofereceu tal qual a primeira metade, correspondendo à primeira página do texto de introdução:⁸³ e era daí que eu tinha tirado a citação escolhida como conclusão de meu artigo de 1985 (acima, p. 136). No fim dessa citação de Warburg, no *Grundriss*, figura, depois de um espaço branco:

A Biblioteca está dividida em quatro seções, como segue:

1. *Handlung*; 2. *Wort*; 3. *Bild*; 4. *Orientierung*.

Ela comporta, paralelamente, uma *Bildersammlung*, que inclui as mesmas seções.

Na segunda parte do documento, as quatro seções da biblioteca são descritas detalhadamente (note-se que, no fim de cada seção, o resto da página é deixado em branco; a seção seguinte começa com a página seguinte). A seqüência das páginas (não numeradas) é como segue:

(p. 5-6): 4º andar: *Handlung*,

(p. 7): 3º andar: *Wort*,

(p. 8-10): 1º andar: *Bild*,

(p. 11-15): 2º andar: *Orientierung*.

Está claro que essa descrição é contraditória: com efeito, por um lado, a seqüência das páginas reflete de forma idêntica a seqüência da introdução, descrevendo, mais uma vez, os andares de cima para baixo; por outro lado, os números dos andares parecem indicar uma seqüência diferente. Em outras palavras: se seguimos o texto de introdução e a seqüência das páginas, *Orientierung* estava no primeiro nível e *Bild* no segundo; se seguimos a numeração dos níveis, *Bild* estava no primeiro e *Orientierung* no segundo. O que Stockhausen fez foi considerar como certos somente os números dos níveis, e transcrever *nessa ordem* (começando, além do mais, pelo primeiro nível) as partes II e III do documento, sem avisar o leitor de que assim ele estava alterando arbitrariamente a ordem das páginas, e sem dar nenhuma explicação. Transcrito por Stockhausen, esse *Grundriss* parece propor poucos problemas; mas, tal como é, ele levanta, ao contrário, um problema, ao qual tentaremos responder.

Antes de mais nada, de que documento se trata? A técnica mimeográfica utilizada mostra que deve ter sido tirado em vários exemplares: provavelmente, não merecia ser impresso, mas valia mais que o carbono das datilógrafas. Penso que devia se tratar de um opúsculo de uso interno, destinado aos poucos leitores da biblioteca, para dar informações gerais sobre seu ordenamento.

Esse exemplar devia pertencer pessoalmente a Stechow, cujo nome (não sei se de próprio punho) figura na primeira página, no alto, à direita. Seria naturalmente interessante encontrar outros exemplares (embora Stockhausen apresente este como exemplar único, seria surpreendente que não restasse pelo menos um outro no Instituto Warburg). Se eu tenho razão de considerar assim o documento marcado Stechow (Irving e Marilyn Lavin são da mesma opinião), ele apresenta naturalmente ainda mais interesse, embora não conheçamos sua data exata, que, entretanto, deve ser anterior a 1933⁸⁴ – visto que o texto é em alemão.

Recapitulando, possuímos duas seqüências diferentes, diversamente atestadas, para os anos hamburgueses da biblioteca:

A. *Bild – Orientierung – Wort – Handlung.*

Esta seqüência (seguindo a ordem dos andares, de baixo para cima) é atestada por um texto de Saxl em 1931 (citado na nota 83) e pela numeração *dos níveis* no *Grundriss*.

B. *Orientierung – Bild – Wort – Handlung.*

Esta seqüência é atestada por um texto de Saxl em torno de 1943 (nota histórica sobre a biblioteca citada acima, p. 142) e no *Grundriss*, seja pela seqüência dada na página 2 do texto de introdução, seja pela seqüência *das páginas*.

Eu explico essas contradições porque, em Hamburgo, deve ter havido duas fases diferentes, nas quais a seqüência dos níveis foi organizada diferentemente. Essas hesitações se refletem, em primeiro lugar, no *Grundriss*, tal como ele é, e, em seguida, na contradição entre os dois textos de Saxl. No entanto, é necessário estabelecer uma cronologia. Creio que a seqüência A é anterior à seqüência B, e que a mudança deve ser datada entre 1930 e 1933; e isso pelas seguintes razões:

1. O texto de Saxl que dá a seqüência A foi pronunciado por ele em abril de 1930; o texto que dá a seqüência B foi escrito em torno de 1943, assim, provavelmente, dá uma seqüência posterior.

2. No *Grundriss*, podemos reconhecer dois níveis: a seqüência tal como ela aparece na numeração dos andares, e a que aparece na sucessão das páginas e no texto de introdução. A explicação mais econômica é que a parte do *Grundriss* que descreve os diferentes níveis pertence a uma primeira fase (A), e que as matrizes mimeográficas (nas quais não se pode fazer correção) foram reutilizadas nessa versão (B), sem se modificar a numeração dos andares, mas alterando-se a seqüência das páginas. Tal reutilização parece a solução a ser considerada, pois as páginas não eram numeradas, e – como foi dito – cada uma das quatro seções termina no fim de uma página (deixando em branco, eventualmente, o restante), e a seção seguinte começa no início da página seguinte.

As duas páginas do texto de introdução pertenceriam, pois, a essa segunda fase (B), e isso explicaria a coincidência perfeita da seqüência no texto de introdução e na sucessão das páginas. Para a datação do documento, pode-

se fixar, como limite anterior, abril de 1930, quando Saxl, pronunciando seu texto sobre a Biblioteca Warburg no XII Congresso da Deutsche Gesellschaft für Psychologie, dá a seqüência A; e como limite posterior, a transferência da biblioteca para Londres, em 1933. A hipótese-limite sendo que o documento mimeografado representa uma nova seqüência antes de seu funcionamento; e que a mudança forçada para Londres impediu esse funcionamento. Todavia, um documento de trabalho da biblioteca, não utilizado por Stockhausen e datado de 1931, poderia conter uma indicação a respeito desse empreendimento de ressystematização, pois contém (com a assinatura de Saxl e de Bing) uma nota rápida sobre o trabalho de “disposição e designação sistemáticas dos livros”, caracterizando esse trabalho como fiel aos princípios de Warburg.⁸⁵ O fato de que o breve texto de introdução do *Grundriss* reutiliza a longa citação de Warburg, que Saxl publicara em 1930 (acima, nota 83), talvez pudesse oferecer um limite anterior mais tardio, que, de outra forma, não se impõe.

3. Em todo caso, um argumento a favor do caráter posterior da seqüência B é o fato de que a *Orientierung* se encontra no início da seqüência em Londres, desde 1934, e depois, nas sistematizações intermediárias até a de Woburn Square. Contra Stockhausen, a importância da organização segundo essas famosas palavras-chave é, a meu ver, posta em evidência por dois fatos convergentes:

a. nas arrumações provisórias da biblioteca, embora a subdivisão em quatro andares fosse impossível, as quatro seções foram mantidas;

b. o edifício de Woburn Square foi previsto (num momento em que Gertrud Bing cuidava do instituto) de modo que tivesse quatro andares, onde os livros seriam repartidos segundo as mesmas seções⁸⁶ e palavras-chave correspondentes, agora em língua inglesa.

Minhas conclusões serão provisórias (porque novas pesquisas e novos documentos poderiam modificá-las), mas merecem ser resumidas. Enquanto Warburg está em Kreuzlingen, Saxl e G. Bing começam a modificar o ordenamento dos livros “normalizando a arrumação de Warburg (...) com o intuito de guiar o estudante no meio de livros e idéias que não lhe eram familiares (...). Com a nova assistente, G. Bing, foi escolhida uma forma flexível, mas (...) tal que os livros permaneçam um conjunto de pensamento vivo, como Warburg havia projetado”.⁸⁷

Com o retorno de Warburg *redux* em 1924, e o projeto e depois a rápida realização do novo edifício para a biblioteca, a interação entre Warburg e seus

colaboradores – visando sobretudo os dois grandes projetos paralelos de *Mnemosyne* e da biblioteca – se exerce de modo contínuo, modificando, não tanto o “pensamento vivo”, mas a forma pela qual ele deve ser apresentado aos usuários da Biblioteca. O projeto arquitetônico é elaborado, conservando-se como elementos dominantes a sala elíptica e a subdivisão em quatro andares. A sala elíptica, que evoca as significações da elipse discutidas na ocasião da visita de Cassirer a Kreuzlingen, é destinada a servir tanto de sala de leitura quanto de anfiteatro para as conferências. Portanto, por um lado, ela retoma a forma já utilizada para a sala de leitura da Biblioteca Augusta de Wolfenbüttel, com sua enorme influência sobre a tradição arquitetônica das bibliotecas na Europa, e, por outro lado, a tradição das casas dos professores de Göttingen (das quais ainda subsiste, por exemplo, a de Carl Orfried Müller), que comportam um vasto local destinado às aulas, chamado *Auditorium*. À medida que a divisão em quatro níveis é elaborada pelos arquitetos, e que se opera a transferência dos livros, fortalece-se o propósito de fazer corresponder à seqüência física dos livros um pequeno número de idéias-chave, referentes ao “pensamento vivo” de Warburg. Essas idéias-chave, que podem remontar, parcialmente, aos próprios escritos de Warburg ou a testemunhos mais antigos sobre sua biblioteca (como procurei mostrar acima), estão condensadas em quatro termos (*Orientierung, Bild, Wort, Handlung*) que, de fato, ficarão constantes durante todos os deslocamentos da Biblioteca; na Inglaterra, tornar-se-ão Orientação, Imagem, Palavra, Ação. Outro termo aparece em transparência: é, evidentemente, *Ausdruck*, a expressão, que pode naturalmente tomar a forma, seja da *imagem (Bild)*, seja da *palavra (Wort)*. Para terminar, resta um ponto a ser esclarecido quanto à terminologia: em que momento exato aparece pela primeira vez a palavra *Drômenon*, que corresponde ao alemão *Handlung* ou *Handeln* (tratamento) e ao inglês *Action*? Essa expressão provém certamente da linguagem grega dos mistérios, em particular os de Elêusis. Nestes, os textos antigos distinguem “o que é mostrado” durante os ritos (*deiknumenon*), “o que é dito” (*legomenon*) e “o que é feito, cumprido”: *drômenon*,⁸⁸ precisamente. O jogo consistiu provavelmente em fazer alusão a *Bild* e a *Wort* pela evocação implícita de *deiknumenon* e *legomenon*, respectivamente.

Enquanto a terminologia de base permanece estável desde aproximadamente 1926 até os nossos dias, o sistema mostra sua instabilidade, seja porque livros (ou grupos de livros) podem ser deslocados de uma seção para outra, seja porque a seqüência das quatro seções se acha várias vezes modificada.

Para corrigir o esquema que eu dei em 1985, os diferentes “estados” da biblioteca parecem ser pelo menos quatro, e não três:

Enquanto as modificações até o Iº estado (inclusive) devem ter sido aprovadas por Warburg, as seguintes (a partir do II estado) foram provavelmente decididas por Saxl e G. Bing, aparentemente de comum acordo, e certamente com a intenção de representar e apresentar da melhor maneira o “pensamento vivo” de Warburg. Como o IIº estado está próximo da data de sua morte, é possível que eles tenham evocado com ele essa outra solução do Iº estado; mas não vejo nada que possa provar este fato. Cada uma das modificações da seqüência corresponde a uma tentativa diferente para apresentar o mesmo “pensamento vivo”, e certamente também a diversas preocupações teóricas e mesmo – provavelmente – de ordem prática (como, em Londres, a proximidade da seção *Imagem* e da Fototeca).

Iº estado (Hamburgo, c. 1927)	IIº estado (Hamburgo, c. 1932)	IIIº estado Londres, 1934	IVº estado Londres, 1958
IV. <i>Drômenon</i>	<i>Drômenon</i>	<i>Drômenon</i>	<i>Drômenon</i>
III. <i>Wort</i>	<i>Wort</i>	<i>Bild</i>	<i>Orientierung</i>
II. <i>Orientierung</i>	<i>Bild</i>	<i>Wort</i>	<i>Wort</i>
I. <i>Bild</i>	<i>Orientierung</i>	<i>Orientierung</i>	<i>Bild</i>

Não me lançarei em descrições e interpretações de cada seqüência tomada isoladamente, já que o fiz, suficientemente, no texto anterior; gostaria, antes, de concluir reafirmando que o papel de Saxl, mas especialmente de G. Bing, parece ter sido muito importante nas rearrumações. Que o Warburg que vemos refletido nas *exposições (Aufstellungen)* de sua biblioteca seja verdadeiramente *continuatus*, depende, pois, da “autenticidade” da interpretação de seu “pensamento vivo” por sua mais próxima colaboradora dos últimos anos. Ele reconhecia nela a capacidade de esclarecer e sistematizar as idéias que ele havia formulado.

Ninguém teve de Warburg, o pesquisador e o homem, melhor conhecimento que Bing. Um dos mais velhos amigos e discípulos de Warburg podia dizer: “Quando, na primavera de 1939, eu estive com Gertrud Bing, com quem tinha tido ocasião de falar em Londres, tinha-se a impressão de que o próprio Warburg estava ao nosso lado”.⁸⁹

Quanto a mim, não posso duvidar de que G. Bing tenha sempre tido intenção de ser a intérprete totalmente fiel do pensamento de Warburg.

Salvatore Settis

Obs.: As ilustrações das páginas seguintes são reproduzidas com a amável autorização do Instituto Warburg, Londres.

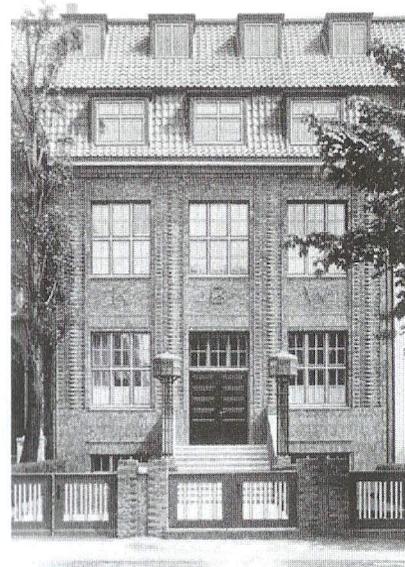


Figura 19. Fachada da *Biblioteca Warburg*.

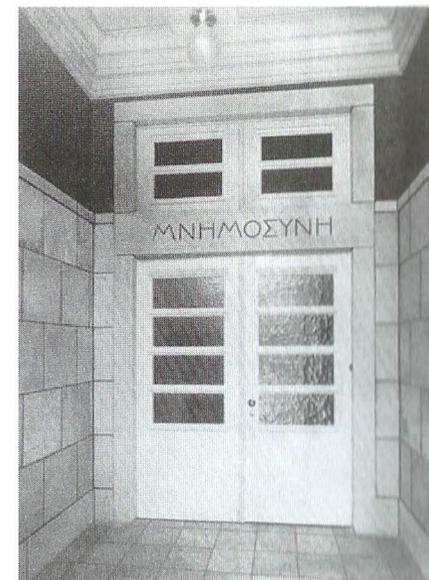


Figura 20. *Biblioteca Warburg*.
Porta de entrada.



Figura 21. *Biblioteca Warburg*: Sala oval.

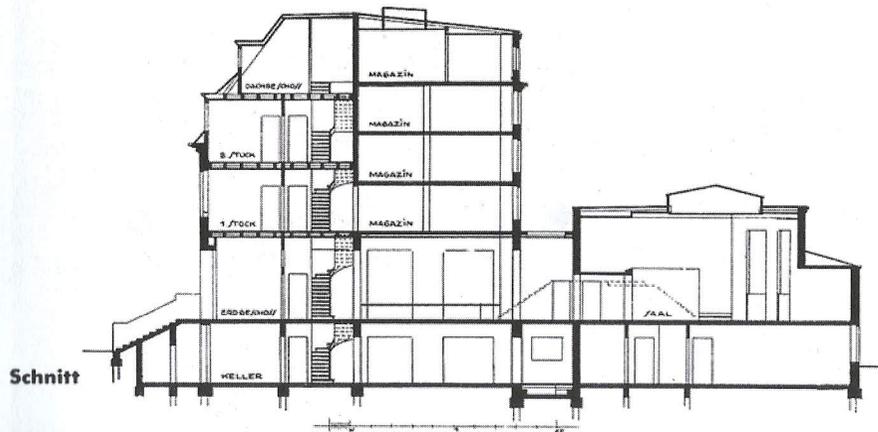


Figura 22. *Biblioteca Warburg*. Corte.

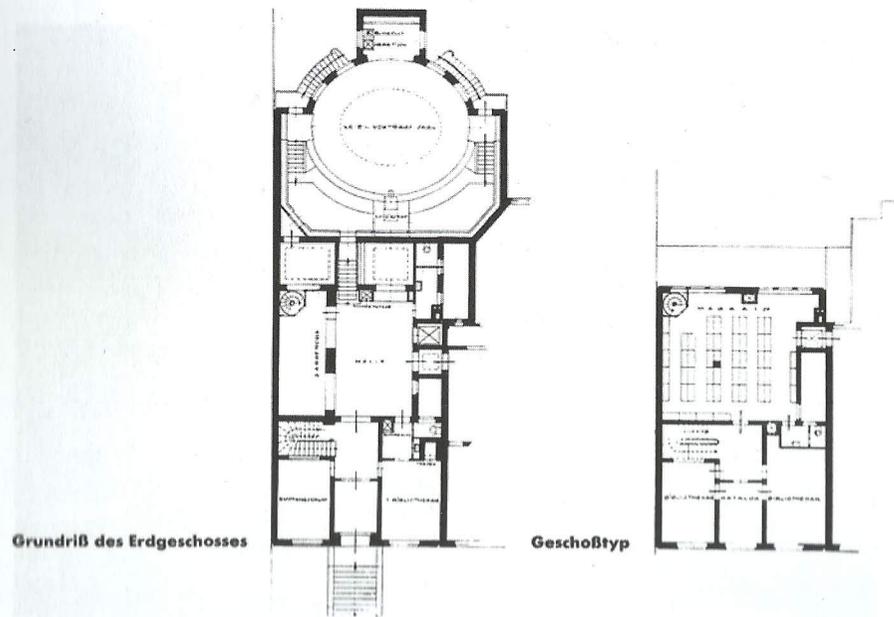


Figura 23. *Biblioteca Warburg*. Plano.

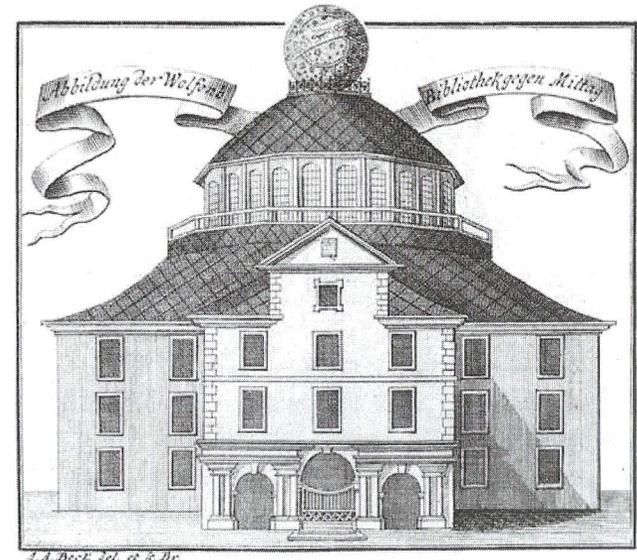


Figura 24. *Herzog August Bibliothek*. Vista geral.

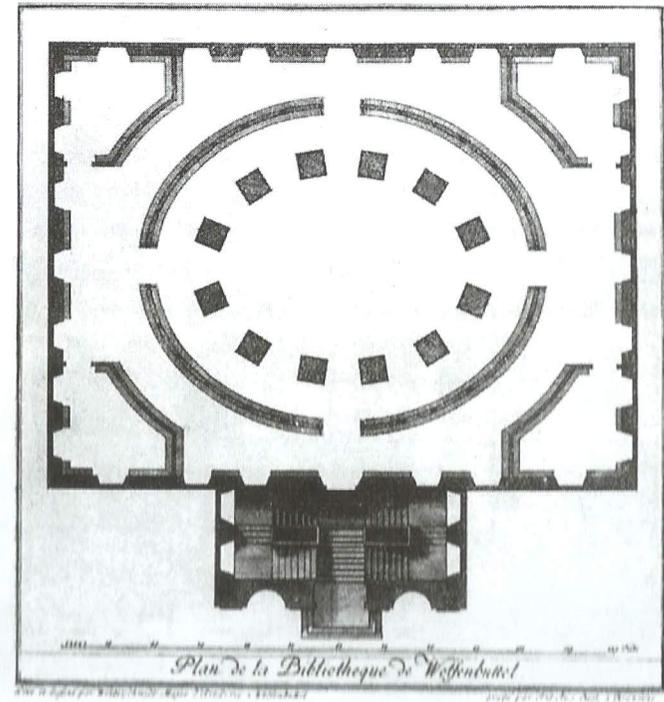


Figura 25. *Herzog August Bibliothek*, *Wolfenbüttel*. Plano da sala oval.

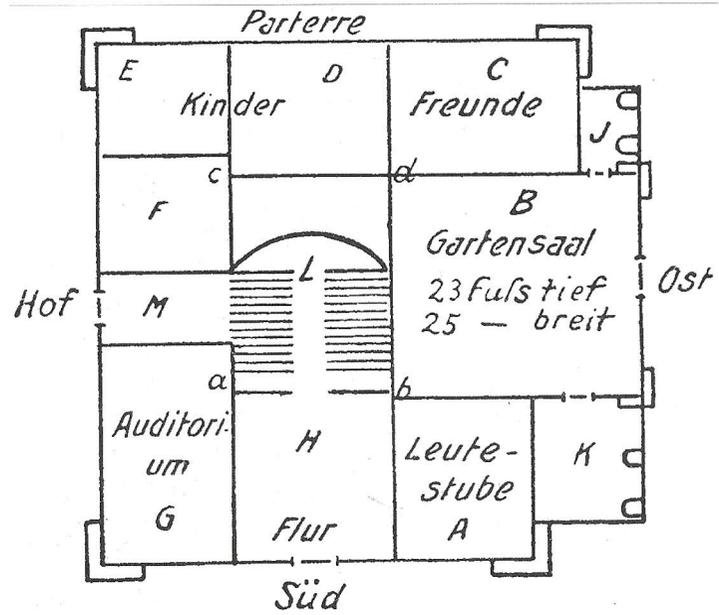


Figura 26. Casa de C. O. Müller. Plano.

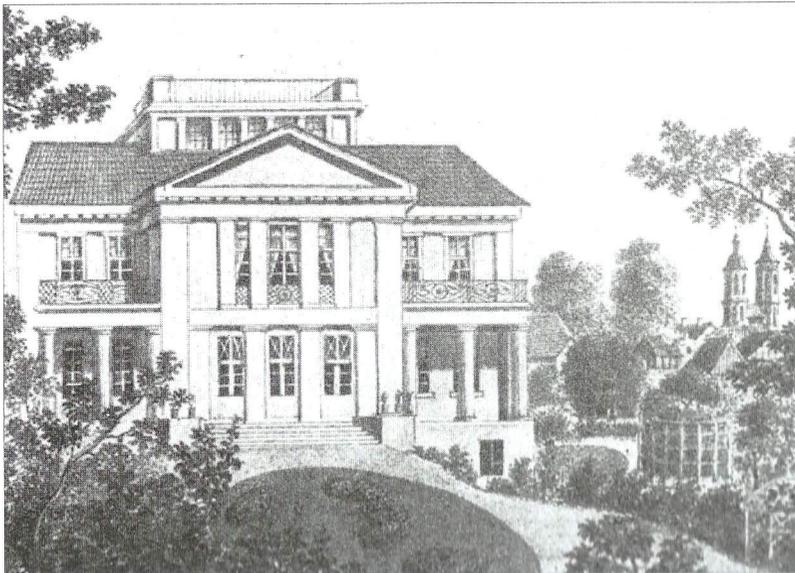


Figura 27. Casa de C. O. Müller em Göttingen.